

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JOSÉ JURBERG
(Entrevista)

Ficha técnica

Projeto de pesquisa - Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz

Entrevistado - José Jurberg (JJ)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR)

Data - 25 e 31/05/1999

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração - 2h18min

Transcrição - Carlos Henrique de Souza Paiva

Conferência de fidelidade - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

JURBERG, José. *José Jurberg. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz*, 1999. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 104p.

Resenha biográfica

Nasceu em 24 de julho de 1936, no Rio de Janeiro. Em 1960 graduou-se em farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal Fluminense. Ainda em 1960 iniciou sua trajetória no IOC como estagiário na Seção de Entomologia sob a orientação de Herman Lent e Hugo de Souza Lopes. Dois anos depois frequentou o Curso de Entomologia e em seguida foi contratado como pesquisador da instituição. Em 1963 publicou nas Memórias do IOC seu primeiro trabalho científico, intitulado “Contribuição para o estudo da morfologia do *Myrmeleon januarius* (Navas, 1916) (Neuroptera, Myrmeleonidae)”. Nessa mesma década ingressou na área de ensino como professor de higiene e legislação farmacêutica da faculdade em que se formou. Junto aos orientadores participou da criação de uma nova ferramenta para identificar os triatomíneos (barbeiros) e outros grupos de insetos por meio da análise comparativa das estruturas fálicas e anatomia interna. A partir desse momento, destacou-se por sua habilidade na arte do desenho científico e pelo intercâmbio estabelecido com instituições brasileiras e estrangeiras. Com a suspensão dos direitos políticos e a aposentadoria de dez pesquisadores do IOC pelos Atos Institucionais 5 e 10 em 1970, episódio denominado Massacre de Mangueiros, tornou-se responsável pela Seção de Entomologia e defensor da manutenção da Coleção Entomológica. Além disso, se empenhou pelo reingresso dos pesquisadores à Fiocruz, fato ocorrido em 1986 durante a gestão de Sérgio Arouca, de quem foi assessor no Conselho Técnico-Científico. Em 1978 foi mestre em ciências biológicas pelo Museu Nacional. Em 1989 implantou o Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos. No ano de 1996 obteve o título de doutor em ciências pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Entre 1991 e 1997 chefiou o Departamento de Entomologia do IOC. Aposentou-se em 2006, mas permaneceu como chefe de laboratório e curador da Coleção de Triatomíneos.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Origem familiar e referência ao irmão Pedro Jurberg, pesquisador do IOC; a trajetória escolar; breve comentário sobre religião e costumes judaicos; o primeiro vestibular para medicina e a influência do pai: o curso ginásial no Instituto Lafayette; a vocação profissional; referência à formação na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói; a inscrição no Curso de Entomologia do IOC; o gosto pela fotografia e pelo desenho; menção ao estágio realizado sob a orientação de Herman Lent; o convite para trabalhar com Hugo de Souza Lopes; referência à primeira publicação; o primeiro contato com os triatomíneos e a descoberta de uma nova espécie; menção ao financiamento CAPES para sua manutenção no IOC; referência à contratação como professor da cadeira de higiene e legislação farmacêutica na Faculdade de Farmácia e Odontologia, do Estado do Rio de Janeiro; considerações a respeito da impossibilidade de acumulação de cargos públicos e a opção por permanecer no IOC; a contratação no IOC, em 1963, através de Regime Jurídico Único (RJU); o processo de seleção de pesquisadores no IOC, no passado e no presente; o perfil do professor José Messias do Carmo e o trabalho na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Rio de Janeiro; alusão ao período em que foi assistente-estagiário de Hugo de Souza Lopes, na Escola Nacional de Veterinária, da atual UFRRJ; a remuneração no IOC e a necessidade de trabalhar com o pai para se manter; a bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) na categoria de pesquisador assistente, em 1965; referência ao Curso de Especialização em Saúde Pública para Farmacêuticos da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz); o período como assistente de Herman Lent na cadeira de parasitologia aplicada, no curso da ENSP; breve referência à cassação de 1970; a gestão de Francisco Paulo da Rocha Lagoa como Ministro da Saúde; o ingresso no mestrado do Museu Nacional, em 1970, sob a orientação de José Cândido de Melo Carvalho.

Fita 1 - Lado B

A diversidade de suas publicações e a habilidade para o desenho; comentários sobre o período dos trabalhos de campo e a interrupção em 1970; o perfil profissional de Herman Lent; os pesquisadores do IOC no momento de seu ingresso; comparação entre pesquisadores do passado e presente; o perfil de Costa Lima e Fábio Leoni Werneck; a ética profissional da nova geração de pesquisadores da Fiocruz; o curso de Histologia de Invertebrados do IOC, ministrado pelo professor Rudolf Barth, em 1964; o mestrado no Museu Nacional; a influência da tecnologia na entomologia; reflexões sobre o grau de dificuldade de aperfeiçoamento dos antigos pesquisadores; a gestão de Vinícius da Fonseca na Fiocruz; sobre a coordenação do Projeto dos Programas Prioritários de Pesquisa da Fiocruz e o Programa de Doença de Chagas, em 1976; a transferência da Coleção Entomológica para o prédio do Castelo, na gestão de Vinícius Fonseca; o crescimento do Departamento de Entomologia após o ingresso de novos pesquisadores; o reingresso na gestão de Sergio Arouca dos cientistas cassados Hugo de Souza Lopes e Sebastião José de Oliveira; a participação como membro do Grupo Executivo do Curso de Mestrado em Parasitologia Médica da Fiocruz, em 1979; a mudança da Coleção Entomológica para o Hospital Evandro Chagas (HEC); o retorno da Coleção Entomológica para o prédio do Castelo na gestão de Vinícius da Fonseca e suas consequências; os problemas institucionais vividos por Sebastião José de Oliveira; a

importância da Coleção Entomológica; a atuação no Departamento de Entomologia do IOC; alusão à Vice-Presidência de Pesquisa, sob a direção de José Rodrigues Coura; a gestão de Leonidas Deane como chefe do Departamento de Entomologia; o convite de Leonidas Deane para atuar como chefe substituto do Departamento de Entomologia; considerações sobre Leonidas e Maria Deane; o pedido de demissão do cargo de chefe substituto do Departamento de Entomologia; considerações sobre Wladimir Lobato Paraense e a Coleção Entomológica do IOC.

Fita 2 - Lado A

O perfil de Leonidas e Maria Deane; o período como assessor especial da Presidência da Fiocruz, em 1990; o convite do Ministério da Saúde, em 1988, para a implantação do Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos do Departamento de Entomologia do IOC, com o auxílio do BIRD, em convênio com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA); considerações sobre a administração dos recursos cedidos pelo convênio; comentários sobre os pesquisadores selecionados no primeiro convênio; a importância da Coleção de Triatomíneos para o Departamento de Entomologia: a aquisição da coleção do argentino Rodolfo Carcavalho; menção ao quantitativo atual de exemplares da coleção; a presença de Rodolfo Carcavalho no laboratório de Entomologia; referência à publicação do Atlas dos Vetores da Doença de Chagas nas Américas, reflexões sobre a definição de coleção institucional; breve relato sobre a Coleção de Arthur Neiva; as coleções emprestadas a pesquisadores cassados em 1970; considerações sobre as coleções que se encontram no Museu Nacional desde o período da cassação.

Fita 3 - Lado A

A Biblioteca da Fiocruz e sua importância para as atividades dos pesquisadores; a participação como secretário do Conselho Técnico Científico da Fiocruz; a gestão de Hermann Schatzmayr na Fiocruz e a reforma da biblioteca; a participação como coordenador da comissão designada para realizar o projeto da biblioteca; a importância da biblioteca para os pesquisadores; comentários sobre a European Community Latin America Triatominae Research Network (ECLAT); considerações sobre a viabilidade da profilaxia de alguns insetos; menção às atas das reuniões quando secretariava o Conselho Técnico Científico da Fiocruz; análise sobre a unificação, nos anos 1970, da Coleção Entomológica e das Coleções Laboratoriais; breve referência a Orlando Vicente Ferreira e sua participação na unificação das coleções; a experiência em trabalhar com os pesquisadores Costa Lima e Hugo de Souza Lopes; referência acerca da designação de curadoria para as coleções; considerações sobre a curadoria de parte da coleção; considerações sobre a gestão de Francisco de Paula da Rocha Lagoa; comentários acerca da transferência da Coleção Entomológica para o HEC e suas consequências; alusão à importância de Orlando Vicente Ferreira para a coleção; considerações sobre a gestão de José Guilherme Lacorte; reflexões sobre o período que a Coleção Entomológica ficou no HEC; nova menção à gestão de Vinícius da Fonseca; breve relato sobre a aposentadoria compulsória de Orlando Vicente Ferreira e sua recontração; reflexões acerca da atual conservação da coleção; novas considerações à gestão de Vinícius da Fonseca; a normatização da Coleção Entomológica; menção ao professor Costa Lima; a aquisição da Coleção Zikán; comentários sobre o desaparecimento do livro de registro; reflexões acerca das avarias sofridas pela coleção; a postura de alguns dirigentes quanto à Coleção

Entomológica; a atuação de Wladimir Lobato Paraense como vice-presidente de Pesquisa da Fiocruz.

Fita 3 - Lado B

O perfil de Wladimir Lobato Paraense e sua postura frente à manutenção da Coleção Entomológica; referência ao papel de José Cândido de Melo Carvalho na manutenção da Coleção Entomológica no IOC; a postura de Francisco de Paula da Rocha Lagoa, Wladimir Lobato Paraense, Leonidas Deane e Paulo Gadelha quanto à Coleção Entomológica; a importância da Coleção Entomológica; o perfil de Sebastião José de Oliveira; as gestões de José Rodrigues Coura e Elói Garcia, na Vice-Presidência de Pesquisa; considerações sobre as técnicas de conservação da Coleção Helmintológica; comparação entre o quantitativo da Coleção Helmintológica e Entomológica; opinião acerca da entomologia vinculada à área médica; a implantação de laboratórios como centros de referência; considerações acerca do Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos do Departamento de Entomologia do IOC; a estratégia administrativa para os centros de referência criados na Fiocruz; menção à criação da Câmara Técnica de Implantação dos Centros de Referência e de Institucionalização das Coleções do IOC, em 1997; considerações sobre o processo de formação do centro de referência do Departamento de Entomologia; a importância da coleção de triatomíneos; breve relato sobre o fim do convênio com o BIRD; considerações sobre a manutenção do centro de referência apenas com verbas da FUNASA; considerações sobre a formação de coleções particulares e institucionais e sobre o registro de algumas coleções; breve referência à contratação de Dario Mendes pelo IOC para o registro das coleções; o perfil do pesquisador Leonidas Deane; menção ao estágio no The Natural History Museum para desenvolver projeto sobre morfologia e taxonomia de triatomíneos, em 1992; considerações sobre o Laboratório de Taxonomia e Bioquímica; referência ao número de artigos publicados; a abertura de um processo para publicar nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz em português; comentários sobre o periódico Entomologia y Vectores, criada por Rodolfo U. Carcavallo; a participação como 'referee' e editor no periódico Entomologia y Vectores; considerações sobre o perfil do pesquisador Herman Lent.

Fita 4 - Lado A

O perfil de Herman Lent; referência ao estágio na Divisão de Zoologia do Museu Nacional, com José Lacerda de Araújo Feio; reflexões sobre sua experiência profissional e pessoal.

Data: 25/05/1999

Fita 1 - Lado A

AB - Projeto Memória das Coleções Científicas na Fiocruz, entrevista com dr. José Jurberg, dia 24/05/1999, entrevistado por Magali Romero Sá e Anna Beatriz de Sá Almeida, fita n.º 1. Bem, então aí, a gente já fez a entrada da fita e prosseguindo com... agora continuando nossa conversa, mas com uma gravação, a dra. Dyrce Lacombe disse que eu estava fazendo era fixar o depoimento dela, eu falei assim: “Está certo, eu vou fixar o depoimento”, de alguma forma é.

MR - Ela fez a entrevista?

AB - Não, a gente conversou sobre o que era a entrevista, e ela falou: “Você vai fixar o meu depoimento”, eu falei: “É, eu vou fixar o seu depoimento”. Aí, eu queria que o sr. contasse um pouquinho para gente sobre a sua origem familiar...

JJ - Hum.

AB - O sr. era de família grande, muitos irmãos, como é que era sua família?

JJ - Quer que eu conte? Então está. Meus pais eram refugiados de guerra, vieram um pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial perseguidos na Europa, e eram pessoas muito humildes e muito pobres, então eu me lembro, minha mãe era semi-analfabeta e meu pai era alfabetizado. Lá na Polônia, no interior da Polônia, os rapazes eram instruídos em cima da Torá - que eu sou de origem judaica - e eles aprendiam com o rabino ler a Torá e isso fazia dele uma pessoa letrada. Então ele veio para o Brasil conhecendo um pouco da Torá e conhecendo rudimentos de numeração. E uma vida muito pobre, de perseguição, ele dizia que tudo que ocorria de errado, se houve geada, os judeus eram os culpados...

AB - Bode expiatório.

JJ - Se não teve colheita os judeus... e aí, os cossacos entravam na cidade e queimavam, destruíam as casas, tal. Então ele veio para o Brasil, disse que quando ele viu que a Segunda Guerra estava pronta para estourar, ele veio para o Brasil, sozinho, os amigos o trouxeram e começou a vida no Brasil. Minha mãe também veio, minha mãe era uma moça rica, e por coincidência da mesma cidade, os dois se conheceram no Brasil, mas eram da mesma cidade na Polônia. Casaram e a família dos meus pais, da minha mãe era uma família muito grande e toda foi para o Uruguai, só a minha mãe e uma irmã vieram para cá, e do meu pai eram alguns irmãos, mas todos morreram na Europa, não, um veio para cá, e os outros morreram na guerra, em campo de concentração, então era uma vida sofrida.

MR - A sua mãe veio para cá por causa da guerra?

JJ - Também. Quando começaram a perceber que a situação ia explodir, os amigos traziam os outros amigos.

MR - Certo.

JJ - Mas havia um problema no Brasil, não é, de não deixar entrar muito imigrante, tinha que vir com uma recomendação, tinha que vir com passagem, o sujeito não podia vir sem nada, tinha que alguém daqui mandar passagem, mandar, então...

AB - Garantia de que teria estadia para a pessoa, para saber se ele podia imigrar.

JJ - É, senão não podia imigrar, ainda mais que o Getúlio Vargas tinha tendências...

AB - Foram ligados.

JJ - Ligadas ao fascismo, então isso tudo dificultava, mas um grupo muito grande de judeus acabou entrando no Brasil, e essa é a origem da minha família no Brasil. Dois irmãos, eu e o Pedro Jurberg, os dois são pesquisadores daqui.

AB - É, dr. Pedro. Nós vamos falar ao longo da entrevista do sr. Orlando, não é, falando muito do Pedro, também.

JJ - Então, duas pessoas semi-analfabetas fizeram de tudo para dar uma instrução aos filhos. Eu até hoje me pergunto como é que essa instrução, não é, podia dizer vai trabalhar, vai ganhar dinheiro, vai fazer qualquer coisa, mas eles fizeram de tudo, toda vez que a gente estava ruim, era professor particular, tudo para que os filhos tivessem... eu acho que era... esses imigrantes almejavam que seus filhos fossem doutores ou fossem alguém, já que eles não puderam ser. Então eu e o meu irmão tivemos tudo que uma boa educação pudesse dar eles deram para gente.

AB - E sempre no Rio de Janeiro?

JJ - Sempre, não, o meu pai quando veio, foi para o interior, ganhar a vida no interior, depois que ele casou, veio viver no Rio de Janeiro. Vou ligar o ar, está ficando quente.

AB - Aí ele veio para o Rio?

JJ - Veio para o Rio e várias vezes a vida era tão desgraçada para eles no Rio de Janeiro, para os imigrantes, que várias vezes ele tentou voltar para Europa... e uma vez a polícia o prendeu dentro de um navio como clandestino e botou ele para fora do navio... E aí foi sobrevivendo e acabou se acostumando, casou, constituiu família.

AB - E a parte o senhor falou da questão da instrução... e os colégios que vocês estudaram?

JJ - Procurou dar para nós os melhores colégios que tinham, não é, eram colégios pagos e tal, e a gente foi, o Pedro sempre foi um ótimo aluno e eu sempre fui um péssimo aluno.

AB - (Risos). Onde vocês fizeram o segundo grau?

JJ - É...

AB - Naquela época.

JJ – Eu, a minha história é difícil de lembrar porque eu era expulso todo ano de cada escola que eu freqüentava...

AB - Indisciplina?

JJ - Indisciplina.

AB - (Risos).

JJ - Então todos os anos, cada ano... eu tinha uma escola, porque chegava ao fim do ano eles não deixavam eu me matricular. Então eu posso ser Lafayette no Científico, Ginásio São Francisco. Eles tentaram dar uma educação judaica, mas a gente acabou sendo expulso, eu acabei sendo expulso, o Pedro foi para uma escola normal e eu acabei sendo expulso de todas elas.

AB - Mas tinham o hábito de freqüentar as sinagogas?

JJ - Não, meu pai. Minha mãe era religiosa e meu pai não era religioso, então eu não tenho educação religiosa, sou judeu, respeito a religião, acredito em Deus, mas sem ir a uma sinagoga.

AB - E as cerimônias em casa eram feitas?

JJ - Não, com os meus pais, não.

AB - Também não tinha uma...

JJ - Foi preciso eu casar e as filhas irem para uma escola israelita, para aí depois começar a fazer. Agora todas as festas judaicas são comemoradas por causa das filhas e dos netos.

AB - Está certo, então eu já tenho aonde solicitar algumas coisas da páscoa judaica, eu adoro....

MR - (Risos).

AB - Aquela pasta de nozes, eu já tenho a quem...

JJ - As comidas judaicas?

AB – Solicitar essas coisas, está certo. E a sua adolescência...

JJ - Mas olha, os velhos morreram e essa tradição da comida judaica não passou, então hoje minha mulher não sabe fazer, minhas filhas não sabem fazer, minha mãe ela ensinou

para empregada que - imagine em quarenta anos eu só tive 3 empregadas na minha casa – mas a empregada foi embora e levou...

AB - Levou consigo o saber.

JJ – Levou a cultura... judaica.

AB - Está certo. E sobre a sua adolescência, o senhor já falou que era a questão da indisciplina, mas era uma indisciplina por si só ou era uma forma que o sr. tinha de reagir a algumas regras do colégio, na verdade era de estudar que o senhor não gostava ou era daquela forma que eles queriam que o senhor estudasse?

JJ - Não, eu era, talvez agitado, qualquer coisa, eu não prestava atenção, estava sempre querendo... estava na escola mas estava pensando em outra coisa. Nunca fui, eu não sei nem como é que é, porque era um esforço do meu pai para eu me formar, aí chegou no científico e eu acordei e resolvi estudar, de repente mudou, deixei de ser indisciplinado e aí sempre fui bom aluno, depois do científico para cá, eu sempre fui primeiro lugar. Mas precisou um determinado dia, acordar que eu tinha que estudar.

AB - Entendo.

JJ - Eu acho que era uma boa escola, o Lafayette, para aonde eu fui, que era na Praça Saens Peña, na Haddock Lobo, e aí eram bons professores e tal, eu resolvi estudar.

AB - Talvez os professores e matérias tenham motivado o senhor?

JJ - É...

AB - Algumas...

JJ - Sim, algumas matérias me motivaram e outras eu não suportava, Matemática eu não suportava, nada que tivesse que decorar eu não suportava, não é, então... imagina que eu nunca consegui tirar uma nota acima de 5 em Português, porque eu não sabia decorar as regras de acentuação e tal, e como eu escrevia bem, tirava 5 na redação e 1 ou meio na gramática e conseguia passar de ano.

AB - E a parte de Ciências?

JJ – É, quando eu comecei...

AB - Biologia?

JJ – É, aí eu sempre, como eu sempre gostei da natureza, desde do ginásio, não é, eu sempre fui bom em História Natural.

MR - E por que você resolveu fazer Biologia? Você fez Biologia?

JJ - Não, eu não fiz Biologia.

AB - Não, ele fez Farmácia.

JJ - Foi um erro, meu pai queria que eu fosse médico, eu para ser um bom filho fiz vestibular para Medicina, mas no primeiro dia que eu entrei na Faculdade de Medicina que eu vi aquele tanque com peças anatômicas, eu disse que não ia poder aguentar, aí fiz outro vestibular, passei para Farmácia...

AB - Isso.

JJ - E fiz Farmácia. Mas aí tinha aula no Instituto Médico Legal, não é, Toxicologia, também na segunda aula ou na terceira aula eu não podia ver aquilo, não é, vísceras, cheiro, exames toxicológicos, e eu disse para o professor: “Olha, eu não posso mais ir ao [Instituto] Médico Legal”, aí ele entendeu, disse que já tinha passado outros alunos e disse que se eu tirasse mais de 7 na teoria...

AB - Resolvia.

JJ - Ele me liberava da parte prática, que ele entendia que nem todo mundo podia entrar lá no Instituto Médico Legal, ver cadáver, ver... e eu aí, só tirava 7 ou 8 e terminei Farmácia.

AB - E a opção de fazer Farmácia na Faculdade do Estado, naquela faculdade que funcionava em Niterói...

JJ - Não, foi que...

AB - Foi opção ou...

JJ - Não, não, apareceu um anúncio no jornal que iria haver um segundo vestibular. Eu aí para não perder o ano.

AB - Para não perder o ano, fez.

JJ - Fui lá e fiz, é... Faculdade de ...

AB - É o que hoje é a UFF?

JJ - Isso. Hoje não existe mais Faculdade de Farmácia, em Niterói é Universidade Federal Fluminense. Eu aí entrei em primeiro lugar e terminei também quase em primeiro lugar.

AB - Certo, então essa foi a opção. E o senhor se formou relativamente novo, não é, 23 anos.

JJ - É, em três anos eu fiz a faculdade.

AB - De 1956 a 1960 o senhor fechou.

JJ - Aí, eu descobri que o meu pai queria me dar uma farmácia.

AB: Está certo.

JJ - Aí, eu descobri que o meu pai queria me dar uma farmácia.

AB/MR - (Risos).

JJ - Aí, eu fiquei um ano trabalhando na farmácia de vários amigos meus, não é... E vi que a minha vida não podia ser atrás de um balcão, que aquilo não era a vida que eu queria, então eu disse a ele que não ia querer farmácia e fui tentar me empregar numa companhia farmacêutica, na *Sidney & Ross*, e cheguei lá o sujeito viu o meu currículo e tal, e disse o seguinte: “Que ele me daria um treinamento de 6 a 8 meses, mas eu tinha que assinar um documento que por um ano, depois do treinamento eu não deixaria a *Sidney & Ross*”, aí eu disse que também não concordava e fiquei desempregado, até que apareceu um anúncio no jornal dizendo que iria haver um curso de Entomologia no Instituto Oswaldo Cruz, e aí eu me candidatei a fazer esse curso.

AB - Mas aí, um curso de Entomologia, o senhor vindo de uma Faculdade de Farmácia, a Entomologia já tinha aparecido?

JJ - Não, não, eu era um vagabundo que ia à praia de manhã e ao cinema de tarde, era a maneira de eu preencher meu tempo, eu não tinha o que fazer, ia à praia, ia ao cinema e tal... e tentava trabalhar e aí...

AB - Mas ao longo da Farmácia, assim, as aulas que vocês tiveram...

JJ - As aulas eram tão vagabundas.

AB - Não tinha nada... num...

JJ - Nada me motivava.

MR - E a Biologia dentro da Faculdade?

JJ - Muito vagabunda. Eu tive a sensação quando me formei de que eu sabia menos do que quando entrei, porque no vestibular a gente tinha que estudar muito.

AB - Muito, não é!

JJ - Porque era um para quarenta.

AB - E o Lafayette tinha um ensino forte.

JJ - O Lafayette, o curso de vestibular que eu fiz era muito bom... e aí eu tive uma sensação, quando eu estava me formando que eu estava mais fraco do que quando eu saí... Mas aí, fui fazer Entomologia, vim fazer Entomologia no Instituto Oswaldo Cruz.

MR - Aí como é que foi?

AB - Que referência o senhor tinha do Instituto Oswaldo Cruz?

JJ - Zero. Nem sabia...

AB - Zero. Nem de passagem, assim...

JJ - Não, eu já tinha vindo aqui uma vez.

AB - Castelinho, Fiocruz.

JJ - Uma vez vim visitar um laboratório... porque um professor de Ciências trouxe a gente e tal, fiquei bem impressionado e aí...

AB - Professor do segundo ou da faculdade?

JJ - Não, do segundo grau.

AB - Do Instituto Lafayette.

JJ - Do segundo grau. E aí, meu irmão é quem descobriu “Zé, você está sem fazer nada, então vai fazer esse curso de Entomologia, que é para não ficar sem fazer nada”, aí eu me inscrevi e vim fazer o curso, eu era o único aluno inscrito, não houve mais inscrição, o curso só tinha um aluno inscrito, no dia da primeira aula eu fiquei sentado no meio fio, lá no Pavilhão de Cursos esperando duas horas começar a aula. Até que veio um senhor e perguntou o que é que eu estava fazendo, eu disse: “Eu tenho uma aula às duas horas, eu estou inscrito para um curso” e ele disse: “Olha, o fulano de tal disse para o senhor ir procurá-lo no Castelo”, aí eu fui procurá-lo no Castelo.

AB - Quem era o fulano de tal?

JJ - O meu orientador, que é o Herman Lent.

AB - (Risos).

JJ - E aí ele disse: “Olha, nós não vamos fazer o curso porque só teve um aluno, então é um dispêndio muito grande de energia para um aluno”, e aí eu fui entrevistado por ele, que perguntou se eu queria estagiar no Instituto e aprender Entomologia. Eu disse que sim, e ele perguntou o que eu fazia bem ou o que eu gostava de fazer, aí eu disse: “Eu gosto de fotografia e gosto de desenhar”, que eu acho que essas foram as duas coisas que me selecionaram para fazer... ele disse: “Quanto menos você souber de Entomologia é mais saudável...”

AB - (Risos).

JJ - ... “melhor que você não saiba nada”, mas como eu gostava de fotografia e de desenhar a minha vaga foi garantida para os projetos que ele tinha. E aí eu estagiei com ele, estagiei, estou trabalhando com ele há quarenta anos.

AB - Então agora eu entendi a questão do estágio na seção de Entomologia foi em função de um curso que foi substituído.

JJ - Substituído.

AB - Substituiu-se o curso pelo estágio... certo. E aí tem logo uma referência no seu currículo, posterior de uma bolsa de especialização pela CAPES, já em 1961, quer dizer recém formado.

JJ - Isso.

AB - Depois desse estágio ou é o próprio?

JJ - Então vamos ver, não, não... vamos ver o que aconteceu. O Herman perguntou se eu sabia Entomologia, eu disse que não, ele me deu uma estante, talvez um pouco maior que essa toda cheia de livros. A entrevista foi numa segunda-feira e ele disse: “Volte daqui a dez dias para começar o estágio que eu vou preparar uma mesa”, porque ele nunca tinha tido até então um estagiário, ele já estava aqui desde 1932 ou 1933... e era 1960, e trinta e três para quarenta, em vinte e sete anos ele nunca tinha tido um estagiário. Aí, voltei dez dias depois, ele disse para mim: “Olha - na mesma sala que ele, que era uma sala no Castelo, não é - você começa a ler o primeiro livro lá, quando você terminar o último, você volte a falar comigo”, então... e me deu uma lupa.

AB - Que sala era essa, no segundo andar?

JJ - No segundo andar, na sala que fica virada para fora, para frente, a maior sala que tem. A sala que fica virada para o ...

AB - Bem no cantinho?

JJ - Bem no canto, atrás da sala da Jane. A sala que fica virada para frente.

AB - Está bom.

JJ - Aí eu fiquei lá lendo uns três, quatro meses, até que apareceu uma alma para me salvar e me arrumou uma atividade prática. Eu entrava às 7 ou 8 da manhã, lia até às 4 da tarde, todo dia, todo dia... e ele não dizia nada, ficava sentando em frente, era bom dia e até logo. Aí, o dr. Hugo de Souza Lopes...

AB - Foi a alma.

JJ - É. Disse “Vamos trabalhar” e aí começou a me dar..., sair comigo para o campo, para coletar insetos, classificar e tal, e com o dr. Hugo eu fiz o primeiro trabalho, eu publiquei o primeiro trabalho.

MR - E como é que foi, você gostou, quer dizer, os livros que ele te passou, você se interessou...

JJ - Eu gostava muito daquilo...

MR - Você já gostava antes, já tinha interesse.

JJ – É. Tinha interesse de História Natural, Ciências e tal, e aquilo para mim... bom, até então eu estava de graça, eu namorava uma moça que queria casar, aí com o dr. Hugo eu fiz o primeiro trabalho que saiu bem feito, e o Hugo foi falar com o Herman que já que ele não tinha muito interesse em mim, que ele gostaria de me absorver, aí o Herman disse: “Não, você até agora foi um instrumento para juntar a teoria e a prática, a partir de hoje você está proibido de falar com o José em trabalho, que agora ele vai trabalhar comigo”. Aí eu fui trabalhar com o Herman em barbeiro e no primeiro trabalho eu descobri uma espécie nova de barbeiro, que era uma coisa muito difícil, que era não, que continua sendo uma coisa muito difícil. Então a minha ignorância dizia o seguinte: “Imagina o primeiro trabalho eu descobri uma espécie nova de barbeiro, não é”, e o trabalho foi interessante, ele me deu alguns bichos para eu estudar, para dissecar e ele disse: “Você não desenha, não disse que gosta de desenhar...” - está gravando? senão depois eu tenho que repetir de novo essa história...

AB - (Risos). Não, é que eu gosto de olhar.

JJ - Ele me deu dois bichos para desenhar, dissecar, analisar, que eu já tinha aprendido com o dr. Hugo as técnicas, e ele disse: “Disseque isso, analise e depois me diz o que é que tem aqui”. Aí, depois de uns dois, três meses desenhando, dissecando tudo, eu disse para ele: “Lá, naquele material que o senhor me deu tem três coisas diferentes”, aí ele disse: “Bom, só tinha duas, tinha duas espécies de barbeiros, se você descobriu três coisas diferentes, você me prova o que é que está lá descrito, o que é que você fez”, aí eu mostrei para ele, e ele disse: “Bom, então nós temos uma espécie nova de barbeiro”. Fiquei feliz, imagina o primeiro trabalho e tal - aí você vê o que era a ignorância - então depois de toda essa euforia, ele tirou uma pasta de um armário desses que está aí e mostrou que ele tinha imaginado que naquele grupo podia ter três espécies, só que ele não sabia dissecar, ele não desenhava, não é, ele era ótimo, mas... faltou um degrau a mais que era dissecar os bichos, e aí dissecando ficou fácil mostrar que tinha três coisas separadas, então ele já estava com aquela pasta guardada há trinta anos, desde 1936 e aí publicamos o primeiro trabalho de uma espécie nova de barbeiro.

MR - Mas José, o dr. Herman não fazia nenhum trabalho de dissecação, ele identificava só pela morfologia externa.

JJ - Não, só pela morfologia.

MR - Interessante.

JJ - É o que ele faz até hoje.

MR - Quer dizer que você então é o complemento.

JJ - Exatamente.

MR - Exatamente, é.

JJ - Muitos anos depois, ... um dia eu já tinha sido contratado e tal, depois vem a história da contratação, aí um dia o dr. Hugo disse assim: “Puxa, peguei o seu primeiro trabalho de insetos e levei para o Travassos, que tinha sido professor de todos eles, e mostrei”, o Hugo mostrou para o Travassos, aí o Travassos disse a ele “Puxa, agora o Herman encontrou exatamente o que ele precisava para crescer, não deixem esse rapaz ir embora em hipótese nenhuma, segurem ele”, aí eu disse: “Mas dr. Hugo porquê o senhor não me contou isso há dez anos atrás”, ele disse: “Não a gente não podia contar para você, porque você podia ficar muito entusiasmado, a gente só tinha que exigir de você, não podia elogiar”. Então, meu destino já estava traçado.

AB - Já estava traçado por eles. (Risos).

JJ - E eu não sabia de que eu fazia parte daquilo.

AB - E a bolsa da CAPES, volta lá para os detalhes.

JJ - Então aí, eles viram que eu era bom, que eu tinha algumas qualidades e aí arrumaram uma bolsa da CAPES para me manter no Instituto, e eu fui ser professor em Niterói na Faculdade de Farmácia, eu tinha sido um bom aluno e aí me levaram, eu um professor na Faculdade de Farmácia me levou para ser professor.

AB - Já em 1961.

JJ - 1961, é.

AB - Com o José Messias do Carmo, não é?

JJ - Isso. E aí eu passei lá, um ano depois ou oito meses depois eles me arrumaram um salário de 8 mil cruzeiros, quando eu ganhava aqui 4 mil. Só que saiu uma lei logo depois dizendo que não podia acumular e eu troquei o emprego de lá de oito mil, que eu ia uma vez por semana dar aula, pelo emprego de quatro mil para ficar aqui, minha mulher quase se separou de mim, dificuldades, filho nascia e quatro mil não dava para sobreviver.

MR - O senhor já era contratado nessa época?

JJ - É... não, eu tinha uma bolsa da CAPES...

MR - (TI)

JJ - Uma bolsa de estagiário do Instituto Oswaldo Cruz...

MR - Ah, está!

JJ - E eu fui contratado em 1963/64, mas de uma lei que era referente a 1962, os pesquisadores do Instituto resolveram esconder dos estagiários, porque a lei mandava contratar todas as pessoas que tivessem ganhando sob qualquer forma. Aí eles acharam...

AB - Foi o caso que a dra. Itália entrou também...

JJ - Itália, Dyrce Lacombe, todo mundo. Então eles esconderam aquilo porque tinha muita gente que não prestava...

AB - Mas esse esconder, o senhor explica só por essa presença de pessoas que também não prestavam ou era uma forma também deles se auto preservarem?

JJ - Não, não, era escondendo porque tinha muita gente incompetente.

AB - É.

JJ - Tinha muita gente incompetente.

AB - Não era uma dificuldade que eles tinham de renovar, de oxigenar?

JJ - Não, eles queriam renovar, mas queriam que fizessem um concurso de seleção, mas tinha gente...

AB - Por que tinha tanta gente incompetente se a forma de entrar era sendo trazido por alguém?

JJ - Trazia, mas você só descobre no dia-a-dia trabalhando, o cara vem aqui é igual namoro, igual casamento, igual tudo isso, você só descobre depois.

AB - Não dava para ir colocando para fora quem não prestava?

JJ - É... vai criando um vínculo, hoje passa...

MR - De amizade, não é, vai deixando.

JJ - Amanhã segura mais um pouco.

AB - E também depende de quem trouxe, de quem indicou...

JJ - Isso.

AB - A pedido de quem.

JJ - Isso, vai segurando. Olha o Instituto hoje, o Instituto está fadado à destruição, porque achava que ter mestrado e doutorado era uma forma competente de ter gente, passa cada imbecil, cada débil mental aqui pela minha mão com mestrado, que a gente diz: "Olha, foi ótimo, você fez seu trabalho, mas eu não tenho lugar para você", então cria quase um

inimigo, porque ele diz: “Pô, eu fiz um trabalho com ele e me mandou embora”. Hoje em dia o Instituto está cheio de gente incompetente...

AB - Concordo.

JJ - Porque tem mestrado e tem doutorado, é isso.

AB - E esta forma de contrato que o sr. disse que foi um pouco escondida, mas que depois em 1963...

JJ - Não, depois aí...

AB - Saiu?

JJ - Um cara na Rural disse, chegou aqui e contou para outro: “Oh, na Rural contrataram todas as pessoas”, e aí um pesquisador, que hoje está em Manaus, achou a lei, foi à Brasília e aí foram contratadas acho que vinte e cinco pessoas.

AB - Mas aí foi essa bolsa da Fundação... não tinha nada a ver com bolsa, era contrato mesmo.

JJ - Não, o contrato era porque a pessoa ganhava bolsa da Fundação, tinha um vínculo de ganhar, então todo mundo foi contratado.

AB - Mas aí contratado mesmo, carteira de trabalho...

JJ - Não, carteira não, virou... era regime jurídico único, não tinha CLT naquela época.

AB - Único, não tinha CLT, regime jurídico único com todos os direitos?

JJ - Com todos os direitos.

AB - Décimo terceiro, tudo direitinho....

JJ - Me lembro que no primeiro pagamento...

AB - Férias?

JJ - Foi retroativo a 1962 e já era 1964. O salário era pago em dinheiro, ali no porão do Castelo, eu fui com uma bolsa para casa...

MR - (Risos).

JJ - Tipo dessas da Casas da Banha.

AB - Recuperou o casamento, tudo bem.

JJ - É. Casei... não, eu já estava casado.

AB - Não, recuperou o casamento, quer dizer aquela perda lá do...

MR - (Risos).

JJ - Não, o salário era muito vagabundo, ajudou a dizer para mulher...

AB - Vai tudo melhorar!

JJ - Vai tudo melhorar...

AB - Está certo.

JJ - Mentira, até hoje a gente está sofrendo.

AB - (Risos). E me diz uma coisa, esse senhor que o sr. falou, não é, o José Messias...

JJ - Do Carmo.

AB - Do Carmo, foi uma pessoa importante na sua formação?

JJ - Ele era um homem boníssimo, muito bom, mas eu saí por dois motivos: primeiro porque eu gostava de Manguinhos e segundo porque eu era assistente dele e um dia... eu dava todas as aulas de Parasitologia na cadeira de Higiene.

AB - Isso.

JJ - E dava prova, dava tudo, porque o catedrático dava uma aula, dava outra e tal, e os assistentes que eram três davam as outras aulas, e aí num dia desses eu dei uma prova e reprovei um sujeito que estava no último ano da faculdade. Reprovei o sujeito e o mesmo estava reprovado no último ano da faculdade, ele ia ter que cursar de novo aquela cadeira no próximo ano, e no dia da formatura, nesse ano eu fui ser, fui escolhido...

AB - Paraninfo.

JJ - Não, paraninfo não, homenagem, alguma coisa, e naquela época o sujeito ia de *smoking* para o Teatro Municipal, não é, ia todo, e encontro o cara lá para receber o diploma, eu disse: “Como?!” e ele disse: “Ah, doutor, fui conversar como o dr. Messias e ele aprovou”, aí eu fui pegar o negócio que eu tinha dado nota, esqueci o nome...

AB - Pauta.

JJ - A pauta e de zero virou dez...

JJ - Aí eu disse para o dr. Messias: “Eu não posso mais continuar dando aula”, aí eu... juntou isso com o negócio da acumulação...

AB - Pressão.

JJ - E ele continuou meu amigo, de vez em quando eu ligava para ele, mas... não dava.

AB - Rompeu, não é.

JJ - É.

AB - E logo em 1962, a gente tem referência de um estágio que o senhor deu na cadeira de Zoologia e Parasitologia da Escola de Veterinária, lá na Rural, com Hugo de Souza Lopes.

JJ - Está, aí o dr. Hugo, isso, aí o Hugo resolveu que eu ia ser o assistente dele, já que eu não podia trabalhar com ele aqui.

MR - Antes você já estava... você já estava com Herman.

JJ - É.

AB - O Herman já tinha dito “Não pegue ele!”. (Risos).

MR - É.

JJ - Aí o Hugo dava aula aos sábados na Rural. Então eu precisava ganhar, que o salário daqui era 4, não lembro se era 4 ou 8; então ele me levou para a Rural e disse: “Olha, eu ainda não posso te pagar esse ano, mas conforme for se a coisa correr direito eu vou te pagar”. Então eu ia dar aula aos sábados na Rural, de Parasitologia, ia ser assistente do Hugo, saía às quatro da manhã de casa para chegar lá sete e pouco, ia de ônibus, não é, e dava aula até uma da tarde e depois eu vinha com o dr. Hugo da aula e assim ficou um ano e meio...

AB - Certo.

JJ - Mas como o dinheiro não saiu eu resolvi desistir de dar aula lá e fiquei só aqui. E aí para sobreviver comecei a trabalhar com o meu pai, porque não dava mais, o dinheiro já não estava dando...

AB - Só a carreira mesmo...

JJ - Não dava.

AB - Pensando em bolsa (TI)...

JJ - Não, tinha que sustentar filho, mulher e tal.

MR - E o que você fazia com o seu pai?

JJ - Meu pai vendia jóias e eu passei a vender jóias com ele, ajudá-lo...

MR - (TI).

JJ - Chegava no dia quinze de cada mês o meu pai começava a me sustentar, porque o dinheiro dava para quinze dias, aí começava a levar comida para minha casa, meu pai era excepcional.

AB - E a gente tem interesse também de uma bolsa do CNPq de pesquisador assistente em 1965...

JJ - Está...

AB - Aí começou tudo a melhorar, quer dizer em meados dos anos 1960...

JJ - Aí eu fui andando, não é, fui trabalhando e tal, e eu sou bolsista do conselho quase sem interrupção, de 1965 até agora.

AB - De 1965 até hoje. É verdade.

JJ - Tenho bolsa do CNPq até hoje.

AB - Verdade. E só um detalhe, só para fechar essa parte do sr. José Messias do Carmo, o sr. chegou a ser contratado depois, não é?

JJ - Sim, fui contratado, 8 mil... 8 mil cruzeiros na época, acho que era cruzeiros.

AB - E isso foi nessa fase de 1963, quando teve que decidir, larga lá e larga cá...

JJ - Isso.

AB - Então está, era a mesma coisa, está bom. E também tenho uma referência logo em 1964, quer dizer, nesse momento que está entrando a bolsa e tal, do sr. participar também como professor com o dr. Herman Lent naquele curso de especialização que o Ministério da Saúde dava.

JJ - Mas isso não era pago, estava dentro do meu salário.

AB - Mas como era essa atividade, o ensino já era para o senhor uma vocação, já tinha interesse?

JJ - Não, era agradável, tinha interesse e dar aula com dr. Herman era exatamente o que eu gostava de fazer porque a aula era prática, não era aquela história de chegar e ficar falando para os alunos, aí era uma coisa agradável.

AB - Era agradável.

JJ - Mas aí o curso...

AB - Era parte das atividades...

JJ – É, mas o curso acabou, não é, veio a revolução, o Herman era de esquerda e o dr. Coura, depois disse para o Herman que não foi culpa dele, não o desconvidou, mas não chamou mais. O curso ia ser dado ali num hospital na Presidente Vargas... e aí o Coura disse que veio procurar...

AB - São Francisco de Assis.

JJ - Isso. Disse que veio procurar o Herman para se desculpar e tal, mas o Herman pelas forças políticas, que era considerada de esquerda, então, não podia dar aula.

AB - Quer dizer, o último que teve então foi quando o senhor foi professor de Entomologia em 1965.

JJ - Isso.

AB - E a procura desses cursos, hein?! Era alta, era grande?

JJ - Não, era baixa.

AB - Era baixa.

JJ - Porque o sujeito só pode ser empregado do governo ou professor em uma faculdade, então, ou ele é professor no Instituto ou é numa faculdade, quem é que se interessa por Entomologia.

MR - Não tinha muito apelo não?

JJ - Não, não tinha.

MR - Não tinha muito apelo, na Rural tinha um outro tipo de apelo, não é...

JJ – É, que é a Entomologia agrícola.

MR - Era agrícola, é você tinha uma aplicação mais...

JJ - É, isso. Mas, na Rural eu trabalhava na Parasitologia, na Veterinária e era Entomologia Médica, então o apelo é muito pequeno.

MR - Mesmo na cátedra de Biologia Médica?

JJ - Mesmo na Rural. Você calcula que naquele grupo só formaram três ou quatro pessoas. Eu, dr. Rubens Pinto de Melo, Paulo Jüde, deixa eu tentar me lembrar mais... só... poucas pessoas.

AB - O Rubens é Rubens?

JJ - Pinto de Melo.

MR - Pinto de Melo.

JJ - Ele está aí até hoje. Ele já foi demitido do Instituto umas três ou quatro vezes e eu já trouxe ele três ou quatro vezes, já contratei ele quatro vezes. Acho que nunca contratei tanto uma pessoa quanto ele.

AB - A mesma pessoa como ele (risos), um índice alto. É, aí acho que a gente vai entrar nos anos 1970, estamos chegando para eles, não é?

JJ - Deixa eu ver se tem mais alguma coisa.

AB - 1965. Eu só queria pensar, assim, na questão da Entomologia como campo de pesquisa, campo de trabalho, barbeiros foi o seu *debut*, não é?

JJ - É, isso, não, só fiquei nele. Não, não, agora...

AB: E é sua grande paixão?

JJ - Não, não, é... logo em 1970 houve a cassação, não é!

AB - Isso.

JJ - E todos foram embora, eu fiquei aqui e um dia o ministro da Saúde me chamou e disse o seguinte, o ministro é o Rocha Lagoa, me disse o seguinte: “Se você trabalhar em barbeiro com o Herman eu vou te transferir para o Piauí, então a partir de hoje você está proibido em trabalhar com o Herman e com barbeiro”, então isso foi a primeira coisa logo depois da cassação, ele me disse isso.

AB - Quem estava aqui na Fiocruz era o Vinícius?

MR - Não...

JJ - Não, o Vinícius só vem... em 1976, por aí.

AB - Só vem em 1976.

JJ - Em 1976, por aí. Então o departamento foi todo embora, só fiquei eu e o Orlando Vicente Ferreira, e eu fiquei com todos os técnicos, todos os microscópios, ocupando todo o segundo andar do Castelo, parecia uma alma penada andando lá de manhã... e ainda recebi este recado, que a partir daquela data...

AB - Barbeiros não.

JJ - Eu não poderia publicar mais trabalho em barbeiro, nem me relacionar com o Herman. Então de noite eu fui à casa do Herman, um dia depois ou dois depois, quando cheguei lá na casa dele...

JJ - Tinha um carro do Ministério da Marinha parado lá, não é, um jipe desse, um jipão da Marinha. Aí eu disse: “Bom, Zé chegou, ou você entra e vai ser chamado ou você volta e nunca mais vai olhar no espelho”.

AB - Você entrou, claro.

JJ - Aí eu entrei conversei com ele, fiz tudo, e disse para o Herman: “Dr. Herman, eu estou proibido de trabalhar com barbeiros”.

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

MR - Então, aí retomando, o senhor avisou para o dr. Herman que estava proibido de...

JJ - Que a gente não podia publicar... não é.

MR - E ele deve ter ficado... (Riso).

JJ - Não, foi um cara frio.

MR - É.

JJ - Foi calmo e disse: “Zé, você tem toda liberdade de encontrar o seu caminho”, aí eu disse: “Não... na mesma hora, eu disse nós vamos trabalhar juntos e tal”, e aí ele me deu algumas tarefas e a gente foi... desenhando e tal, ele foi para Venezuela, ou para os Estados Unidos e eu aí fui para o Museu Nacional... Bom, olha a vida de vagabundo, então, chegava aqui de manhã, nos primeiros tempos, não é, não tinha ânimo para trabalhar... chegava aqui de manhã, e não tinha o que fazer, ainda não tinha... então, eu no primeiro mês eu chegava aqui marcava o ponto, revoltado ia para casa, ia para a praia e tal, ia para o cinema e as cinco da tarde voltava aqui para marcar o ponto. Aí um dia eu estava dirigindo o carro e disse assim: “Diabo, esse cara vai me matar, porque se eu continuar com essa vida de vagabundo quem vou ser eu daqui a algum tempo?”, eu disse: “Não, a partir de amanhã acabou essa vida de vagabundo”, não é, porque eu estava fazendo o que o Lagoa mandou. Aí, abriu mestrado no Museu Nacional, primeiro ano que ia ter o mestrado, então eu disse: “Bom, é agora, encontrei minha saída”, fui fazer mestrado. Então, eu tenho que agradecer ao Lagoa por ter feito o mestrado, que até então eu não pensava em fazer mestrado, porque o mestrado não era exigido no Instituto Oswaldo Cruz.

AB - É.

JJ - Então eu fui fazer mestrado no Museu Nacional, na primeira turma...

AB - Foi aí que o José Cândido teve importância?

JJ - Isso, aí o José Cândido foi ser o meu orientador e eu comecei a trabalhar com o José Cândido, fiz a minha tese com... não, a tese eu fiz com o Herman, mas trabalhei com José Cândido publiquei alguns trabalhos...

Fita 1 - Lado B

AB - O senhor publicou vários trabalhos com a Dra. Isolda...

JJ - Trabalho de barata, com a Isolda, com o José Cândido, com o Newton Santos, ele me deu material para estudar e assim eu ia publicando em vários grupos de insetos, porque... e dava tempo para fazer tudo isso e mais o barbeiro, não é... então...

MR - Você sempre fazia a parte anatômica, de anatomia...

JJ - Certo, porque ninguém desenhava...

MR - Porque ninguém fazia...

JJ - E ninguém queria dissecar.

MR - Isso.

JJ - Porque é um negócio extremamente delicado, não é, dissecar três milímetros em dez partes.

MR - É.

AB - E essa coisa do desenho, o sr. chegou a conviver aqui com grandes desenhistas?

JJ - Não. Era inato meu... não era bem inato, um dia eu tive uma namorada, fantástica, não é, que estudava Belas Artes, e eu era um garoto e ela já era uma mulher feita, não é, e eu para tentar chegar perto da mulher, que a mulher desenhava muito, eu comecei a desenhar sozinho, não é, para ver se eu podia chegar para ela e ter algum tipo de conversa com ela..., desenhava, ela estudava Belas Artes, e aí comecei a desenhar e os desenhos foram saindo, mas desde garoto eu sempre gostei de desenhar.

AB - Agora, assim, convivência que eu penso é assim, aqui dentro...

JJ - Não, eu...

AB - Quando o senhor entrou em 1960, já... ainda tinha...

JJ - Tinha desenhista...

AB - Essa estrutura de desenhista...

JJ - Tinha desenhista, tinha os desenhistas, eu...

AB - Era fácil o contato com eles?

JJ - É, ficava sentado do lado na nossa mesa desenhando e a gente estava dissecando, aí eu olhava eles desenhar e disse: “Ah, eu sou capaz de fazer isso”, e fiz.

MR - Mas José, deixa eu te perguntar uma coisa, você não fazia trabalho de campo, você não ia ao campo pegar material, como é que era isso?

JJ - Só no primeiro, só nos... até haver a revolução. Então eu ia para o campo coletar, mas pegava tudo, não é, não era só...

MR - Naquela época... é...

JJ - Pegar barbeiro... eu e o dr. Hugo pegávamos tudo.

MR - Você ia com o dr. Hugo. Dr. Herman não era homem de campo.

JJ - Não, eu ia sozinho...

MR - Não era homem de campo.

JJ - Não, o Herman nunca foi para o campo. Então, no princípio foram duas ou três viagens com o Hugo, mas, na floresta do Grajaú, a forma de aprendizado, o Hugo dizia assim: “De manhã, domingo de manhã e sábado de manhã às sete e meia, na subida do Bico de Papagaio”, então eu e o meu irmão íamos e passávamos a manhã inteira andando no mato com ele pegando bicho. Então, durante até 1970 eu coletava e... tirava férias... e ia com uma rede, com tudo preparado e coletava inseto.

MR - Coletava.

JJ - Em 1970 parou minha atividade de campo, nunca mais eu fui ao campo.

MR - E o material que você tinha para estudo, da onde vinha esse material, vocês recebiam da onde esse material?

JJ - O Herman já tinha a criação de barbeiros e tinha a coleção do Herman Lent.

MR - Mas, José, como ele conseguiu essa coleção, quer dizer, que você...

JJ - Então...

MR - Como ele capturava se ele não ia ao campo...

JJ - Ele se correspondia com as pessoas...

MR - Então era sempre, mas...

JJ - E as pessoas iam mandando o material, tal, ministério da Saúde e tal.

AB - E ele não tinha coletores?

JJ - Não, não tinha.

AB - Essa figura que o Museu Nacional tem aqui nunca teve?

JJ - Não, tinha no passado, mas eu no meu tempo nunca vi ele coletar, nunca vi ele sair.

AB - Mas por exemplo...

JJ - Mas tinha uma coleção de barbeiros....

AB - Como ele está aqui desde 1930 e poucos, não é, o sr. acha que no início, assim, existiam...

JJ - Ele ia para...

AB - Ele ia com técnicos coletores?

JJ - E ele ia para o campo, com o Travassos, tal, coletar, mas ele estudava Helminologia naquela época, o barbeiro apareceu em 1936 por aí, no início ele estudava, passou acho que uns cinco anos estudando Helminologia... depois é que ele foi estudar com o Neiva, Entomologia e aí passou a fazer Entomologia.

AB - Entomologia.

JJ - Eu sou a terceira geração de barbeirólogos da Fundação.

AB - Então, já que o sr. falou dessas gerações, vamos falar um pouquinho com quem o sr. conviveu das antigas.

JJ - Então, trabalhei..., quando entrei no Instituto?

AB - É.

JJ - Hoje esse departamento é o lugar mais complicado que pode existir... porque quando eu entrei...

AB - Pelo organograma ali eu...

JJ - Não ...

AB - Deu para perceber...

JJ - Não é pelo organograma, é porque não tem ética, não tem moral, tem gente que não tem capacidade para ser pesquisador, nem para trabalhar, porque isso aqui virou trabalho, emprego, o cara vem aqui ganha um salário e vai embora. Quando eu entrei, trabalhava o Costa Lima, o Hugo de Souza Lopes, o Herman Lent, o Sebastião José de Oliveira e o Fábio Leone Werneck, então, indivíduos que têm renome, têm cultura, tem toda uma bagagem de dedicação, de trabalho, de cultura, de projeção. Aí o que acontece, agora tem tudo que você pensar, todas as siglas, o sujeito chega aqui, terminou a faculdade e vem

trabalhar aqui, então não publica ou se publica, ele publica com mais dez, não tem cultura...

AB - Qualidade do que publica...

JJ - Qualidade do que publica...

AB - Não é, o ineditismo.

JJ - É, nessas reuniões de departamento você vê que não têm moral, não têm ética, não têm honestidade. Então é isso, que isso vai ser a falência, daqui a alguns anos, se isso perdurar, nem a falência do departamento é a falência do Instituto, porque isso deve se irradiar em muitas áreas aqui.

AB - Deve ser o...

JJ - Então, imagina a época do Oswaldo Cruz, do Carlos Chagas, o tipo de seleção como era feita e hoje como é o tipo de seleção. E o pior de tudo, não pode mandar embora, uma vez o cara contratado, fica aqui perdurando o resto da vida, então a situação é complicada. Aí eu vivi... convivi com o Costa Lima alguns anos...

AB - Como é que era o Costa Lima?

JJ - Um cara, um velhinho, excepcional e que de vez em quando eu ia lá na sala dele bater papo, ou ele raramente ia na sala dos outros conversar...

AB - Mas era a sala dele meio que um...

JJ - A sala dele era junto com a Maria Luiza...

AB - Era puxado, não é?

JJ - Era uma sala um pouquinho maior que essa e a sala maior do lado ficava os técnicos, que era o Orlando e outras pessoas. Ele era um homem extremamente culto, competente, trabalhava... dia e noite não pode dizer, mas o dia inteiro sem parar, não parava para bater papo, para ir tomar café, mas já peguei ele velhinho, doente e tal, então foram poucos anos de convivência até ele morrer.

AB - E ele tinha muita convivência com o Orlando, não é?

JJ - É, o Orlando era assistente dele.

AB - É. Teve uma relação boa. E o Fábio Werneck?

JJ - É também já peguei...

AB - Como era a personalidade, assim, dele?

JJ - Para mim era introvertido, sempre ligado ao trabalho, convivi com ele dois anos até que ele morreu. Então fui chegando, numa nova geração...

AB - Geração, não é.

JJ - E fui o único... Você calcula...

AB - Ficou pessoas que... fizeram escola.

JJ - Não, então acabou, esse que é grande problema, o Herman também não fez escola, só me fez.

MR - E você está deixando alguém?

JJ - Isso eu posso abrir um capítulo a parte com mais... vou até ter que falar uns palavrões...

MR/AB - (Risos).

JJ - Que você vai fazendo e o cara na primeira oportunidade te dá uma rasteira, te passa para trás, é desonesto e como é que a gente vai descobrir isso?

MR - Só depois.

JJ - Só no dia-a-dia. Então eu já fiz muitas pessoas que tão logo adquiriram uma certa estabilidade, deram uma banana e foi embora.

MR - Mas essas pessoas estão trabalhando com...

JJ - É, estão trabalhando.

MR - Então você deixa ...

JJ - Eu posso dizer os nomes, eu direi... não tenho vergonha de dizer porque eu conto a história de cada um, não é, porque não é história que a gente está fazendo.

AB - É história, história. (Risos).

JJ - Os judeus são conhecidos por escrever e deixar história, não é. Então eu lembro de uma passagem, os alemães indo destruir o gueto de Varsóvia. Você conhece essa história?

MR - Não.

JJ - Então juntaram todos os judeus de Varsóvia e juntaram num bairro, devia ter vinte ou trinta quarteirões, cercaram o bairro e resolveram matar os judeus de inanição, não podia entrar tanque de comida, só podia entrar o mínimo, tal, não podia entrar madeira ou aquecimento e aí eles iam, as pessoas iam morrendo, só que estavam morrendo menos do que eles esperavam, então, aí chegou no final da guerra e eles resolveram entrar e matar

todas as pessoas que ainda estavam vivas. Então, a história do gueto de Varsóvia diz o seguinte: que alguns rabinos escreviam o diário do gueto, então o chefe da SS em Varsóvia disse o seguinte: “Nós temos não só que matar, mas encontrar cada um daqueles que escreveu e queimar aqueles relatos”. Porque quando matar todas aquelas pessoas aquilo era mentira, não é, então o que os judeus fizeram, enterraram dois, três, quatro metros abaixo da terra, deixaram algumas pessoas que saíam do gueto, que fugiam, dizer qual era o ponto cardeal, porque depois aquilo tudo foi arrasado, para o sujeito poder desenterrar três metros de profundidade e encontrar os negócios. Quando a guerra acabou, alguns dos sobreviventes foram lá e encontraram os relatos do que era a vida no gueto de Varsóvia. Então, isso que você tá fazendo e a gente relatar, e se a gente não disser quem era o comandante da SS, quem era, o cara da Gestapo...

AB - Tudo se apara e vira uma fábula rasa e a maneira da gente não deixar a vida...

JJ - Então se os russos não tivessem entrado com uma certa antecedência nos campos de concentração, os alemães sempre diriam que aquilo tudo era mentira...

AB - Mentira.

JJ - Não é, porque eles mandaram passar o trator em cima...

AB - Como tentam dizer até agora, não é.

JJ - É, mas os campos estão lá, os crematórios ficaram lá, as fotografias estão lá, se não fosse isso não tinha a história das atrocidades do nazismo.

AB - É verdade, tem até um historiador já falecido que se dedicou muito a trabalhar na questão da história oral, da memória, com o que não é dito por falta de opção de dizer no sentido que tem uma fase que as pessoas precisam do silêncio para depois poder falar, então o primeiro trabalho do Michael Pollak foi com mulheres de campo de concentração, uns trinta anos depois... e as primeiras entrevistas, elas não falavam, elas falavam de tudo...

JJ - Mas não queriam recordar...

AB - Da sua infância e pulavam essa parte...

JJ - Que era muito dolorida.

AB - Que lhe eram muito doloridas, até que em determinado momento elas precisavam falar...

JJ - Botar tudo para fora...

AB - Disso para poder voltar a viver, porque elas não estavam conseguindo viver...

JJ - É, com aquilo...

AB - Pelo que estava guardado, não é, então, era o trabalho dele, ele trabalhou justamente isso, o que é o silêncio, e o que o silêncio diz, não é, porque o não dito é o que não é possível dizer em alguns momentos...

JJ - Num determinado momento...

AB - Não é que é não é esquecido, é porque não é dito...

JJ - Não tem como abrir...

AB - Porque tem muita coisa de memória por esquecimento, não é.

JJ - Eu estou me lembrando de coisas, mas eu não sei se eu vou conseguir falar, mas...

AB - Pois é, mas é isso mesmo é o limite do dito, porque é o limite da gente poder suportar o que vai dizer, não é, o que vai estar revivendo, não é?

JJ - Mas quando chegar lá eu vou contar sobre as pessoas.

AB - Mas aí o senhor estava falando dessa questão dessas...

JJ - Então eu fiquei sozinho...

AB - Pessoas que o senhor está criando, mas que na verdade o senhor não os sente como seus seguidores, como escola.

JJ - É, eles até são competentes, profissionalmente alguns são competentes, não é, a maioria competente...

AB - Só eticamente é que são complicados.

JJ - Só eticamente que são muito complicados, são mentirosos...

AB - Aliás que é a base, não é só, não é? Porque o eticamente é a base.

JJ - Mentirosos, desonestidade. Eu vou contar a mentira e a desonestidade, aí você vai ver o que é.

AB - Está certo. Só teve uma coisinha que eu estou pulei aqui, eu queria voltar porque essa pessoa me foi... eu não o conheci e a dra. Dyrce falou muito do Rudolf Barth, que ele teve uma importância para a formação dela muito grande...

JJ - Dela...

AB - Dela, mas o sr. chegou a fazer o curso de Histologia...

JJ - Eu fiz com ele...

AB - Com ele...

JJ - E ele era...

AB - E era normal esses cursos com pessoas de fora aqui?

JJ – Não, ele era de dentro.

AB - Ele estava aqui dentro, ele ficou...

JJ - Ele era alemão, vindo da... era oficial do exército alemão.

AB - Hum.

JJ - Aí, eu fiquei preocupado em fazer o curso com ele, mas ele era um cara respeitoso, tratava todo mundo bem, eu fiz o curso bem, até que um amigo meu judeu foi fazer um trabalho com ele e um dia, está lá o Marcos Kogan trabalhando numa sala... e ouve o Barth conversar com o dr. Geth Jansen numa outra sala, e aí começaram a se referir mal aos judeus, então o Marcos não teve dúvida, disse: “Olha, eu vou me retirar, eu sou judeu e essa conversa que eu estou ouvindo não me é simpática”, e aí saiu da sala e não voltou mais. Então o Barth dizia que era oficial meteorologista do exército alemão, devia ter lá um componente racista, um componente anti-semita...

AB - Anti-semita.

JJ - O Marcos Kogan nunca mais voltou lá, contou a história para mim e foi embora...

AB - O Marcos Kogan é o que está na Amazônia?

JJ - Não, o Marcos Kogan vive nos Estados Unidos.

AB - Ah! É esse que vive nos Estados Unidos, está.

JJ - É. Ontem eu encontrei ele na praia, disse que veio a um congresso, estava caminhando na praia.

AB - Vive nos Estados Unidos. Ele não está mais aí com a gente...

MR - Ele não só (TI), foi? Ele era do quadro?

JJ - Ele foi contratado e tal, mas foi fazer doutorado nos Estados Unidos...

AB – Ficou lá.

MR - Ah, está!

JJ - E foi contratado lá, nunca mais quis voltar para o Brasil.

AB - Agora a gente podia falar um pouquinho do seu mestrado, que o senhor falou do início dele, foi o primeiro, primeira turma que abriu no Museu, não é.

JJ - Isso, é primeira turma.

AB - E iniciou sendo orientado por uma pessoa e quando o senhor defendeu já era uma tese orientada pelo dr. Herman.

JJ - Não, não, o José Cândido, como o Herman não podia aparecer, que o governo proibiu ele de ser professor, de orientar, então, a tese ia ser em barbeiro e aí o José Cândido resolveu assumir oficialmente o nome, mas disse que não queria ver nada.

AB - Certo.

JJ - Só veria no final e o Herman podia cuidar de tudo. Então eu fiz a tese toda e o José Cândido levou o título como orientador, mas...

AB - Mas, era o Herman Lent...

MR - Ah! Entendi.

JJ - O orientador foi o Herman Lent, foi um acerto entre os três.

AB - Certo. A tese e o seu título é "Contribuição ao estudo comparativo da genitália externa em subfamílias de...

JJ - De triatomíneos... de... Reduviídeos.

AB - Que é o Hemiptera, Heteroptera.

JJ - É, isso.

AB - E que eram oitenta e seis figuras...

JJ - Isso.

AB - Aí que eu queria saber, agora, o seu lado de desenhista, essas oitenta e seis figuras já eram nessa tecnologia moderna ou...

JJ - Não, não, a tecnologia é a mesma.

AB - Desenho.

JJ - É o mesmo desenho.

AB - E pensando um pouco nessa coisa da tecnologia, há quem diga, por exemplo a linha do dr. Sebastião, que não há substituto...

JJ - Não, não há substituto...

AB – Ao desenho...

JJ - Não tem substituto.

AB - A profundidade é a vida que o desenho dá...

JJ - É...

AB - Ao inseto...

JJ - É, não tem...

AB - Não é dada nem pela tecnologia mais moderna...

JJ - Não, não tem...

AB - Do *scanner*, do não sei o que lá, da...

JJ - Não, dá...

AB - Fotografia digital.

JJ - É outra abordagem, o desenho é insubstituível, é como hoje essas novas tecnologias para classificar um inseto, Taxonomia Bioquímica, qual é o outro que eles estão fazendo com técnicas moleculares, mas para o cara fazer com a técnica molecular alguém tem que dizer “Oh, estou te dando uma mosca X”, aí ele faz e se caracteriza a mosca X por aquilo, mas primeiro precisa ter um taxonomista para dizer o que é.

AB - Senão ele vai ter a vida molecular...

JJ - Senão ele não sabe o que ele fez...

AB - Mas não sabe o que está fazendo...

JJ - De que ele fez...

AB - De que ele fez...

JJ - Isso.

AB - E o senhor acha que pensando nessa questão do desenho, das técnicas modernas, essa nova geração que está se formando, os que hoje estão se formando em Biologia e os que se formaram em Biologia há dez anos e que estudam Entomologia ou outro tipo de abordagem da Biologia estão com competência no desenho...

JJ - Não, tem...

AB - Estão dando valor a isso?

JJ – Tem alguns muito competentes, mas hoje em dia tem um problema grave, não é. O sujeito precisa ganhar, não é, naquela época talvez o pai, a família pudesse sustentar um indivíduo até ele se situar, hoje se o sujeito não ganhar, não consegue a bolsa do CNPq é produtividade, e aí desenhar demora, tem uma série de coisas...

AB - Diminui o risco da aplicação...

JJ - Diminui...

AB – O que você tem que está o tempo todo produzindo, aí você opta por alguma coisa mais rápida.

JJ - E aí o cara sabe desenhar, tem qualidades, mas não vai.

AB - Está certo.

JJ - Está complicado.

AB - Eu tenho uma referência aqui de 1976 de uma coordenação que o sr. fez, 1976 já pode pensar que foi um outro momento na Fiocruz, não é?

JJ - Hum.

AB - Vinícius estava chegando...

JJ - Vinícius chegou e só tinha eu na Entomologia...

AB - E como foi quando chegou? Para o senhor chegar a ser coordenador de um Projeto de Programa Prioritários de Pesquisa...

JJ - Porque eu era o único... eu era o único...

AB - Como é que foi isso?

JJ - Que trabalhava com doença de Chagas e aí aquele Gilberto...

AB - Isso.

JJ - Gilberto de quê?

AB - Gilberto Teixeira de Freitas.

JJ - De Freitas...

AB - Ou de Freitas Teixeira, eu não sei muito bem.

JJ - Vinícius mandou chamar cada um, não é, porque o Vinícius precisava dar uma resposta para o Ministro Reis Veloso de como atacar as doenças do país.

AB - Certo.

JJ - Então a doença de Chagas, especialista em vetores era eu, então Vinícius mandou me chamar para escrever, fazer um programa de como é que eu ia controlar os vetores da doença de Chagas. Eu falei: “Alguém informou o sr. errado, eu não tenho competência para isso”, “Ah, mas o senhor tem que escrever alguma coisa que eu preciso...”, então eu fiz lá um processo e o Gilberto foi lá e disse que tudo o José está fazendo é mentira, não vai acontecer nada, não vai fazer... mas o Vinícius resolveu continuar apostando e destinou esse prédio para estudo de vetores da doença de Chagas. Então eu que estava com a Coleção, ele não deixou eu ir para o Castelo, ele mandou eu vir para cá...

AB - Trouxe você para cá.

JJ - Porque aqui esse prédio se concentraria a doença de Chagas. Vim eu, o Silvio Celso e não me lembro mais quem... ah! Microscopia eletrônica com aquele... alemão, que a Zeiss tinha doado todos os equipamentos... Quer que pare?

AB - Não, não.

JJ - Que a Zeiss tinha doado todos os equipamentos para Fundação Oswaldo Cruz para fazer daqui um..., porque tinha pessoas aqui no prédio que diziam que iam descobrir a vacina para a doença de Chagas. Então aí o Vinícius, era economista...

MR - Ele apostou nisso, não é.

JJ - Apostou nisso, até hoje não se descobriu nem o remédio que fará a vacina.

AB - Que fará a vacina.

MR - José, essa época que você...

JJ - Eu vou abrir a janela, para ficar mais agradável...

AB - Não, não precisa não.

JJ - Não, para mim também fica mais agradável.

AB - É porque eu fico... eu estou meio gripada...

JJ - Eu também, eu também.

MR - Ficou lá no prédio do hospital ou ficou com o Orlando?

JJ - Não, não, ficou, fiz um pacto com o Vinícius que para trazer, para eu sair de lá, a coleção tinha que vir comigo, tal, então nós acertamos que eu ia trazer a coleção para o Castelo, que eu ia voltar para o local de origem, eu pedi a ele para construir de novo aqueles três andares de ferro e ele disse que não queria gastar dinheiro ainda naquilo, que seria num momento posterior, e que como todo o segundo andar estava vazio, eu ocupasse todas as salas que eu precisasse com a coleção. Então o Orlando fez pela segunda vez a mudança da coleção, trouxe para o castelo e eu vim para cá com os barbeiros e botei aqui e aí o Orlando ficou lá e eu fiquei aqui, o Orlando lá perdido, sozinho e eu aqui comecei a trazer gente, então o departamento..., não existia departamento, só existia o José e aí eu comecei a convidar gente, convidar, convidar...

AB - Isso.

JJ - Aí até hoje o departamento cresceu muito, eu acho que é o segundo ou terceiro maior do Instituto... tem 70 pessoas.

MR - Quer dizer, que toda essa geração nova veio através...

JJ - Grande parte veio comigo.

MR - Por seu intermédio.

JJ - Trouxe lá do Museu, pedi ao José Cândido para indicar algumas pessoas...

MR - Isso.

JJ - O José Cândido indicou o Anthony, o Gustavo... trouxe pessoas aposentadas do ministério da Saúde e tal. Depois eu fui cobrar do Arouca a volta dos cassados, aí o Arouca disse: "Está bem, se eu for eleito, você traz todos", trouxe todos, o Hugo, o Sebastião, o Herman disse que não queria vir, porque ele tinha uma dívida com a mãe e não queria voltar para o Instituto, já que não podia se dedicar aos dois. Mas dr. Hugo veio, ficava uma parte do dia aqui e o outro lá na Santa Úrsula... e aí o departamento começou a crescer, mas aí eu perdi o controle... e aí tem essa desgraça que eu plantei, que tem gente que eu vou te contar...

AB - E falando sobre o mestrado, o doutorado, quer dizer, foi num momento em 1979 e...

JJ - O mestrado foi fácil fazer, não é, apesar de que eu ficava angustiado de ficar fazendo crédito, porque eu queria trabalhar, publicar, queria trabalhar e tinha que fazer crédito, mas aí...

AB - Não, não, eu digo o mestrado, organizar o curso de mestrado, assim, porque aqui a gente tem referência de um grupo executivo de curso de mestrado em Parasitologia do qual o senhor fez parte, isso em 1979, quer dizer começa a se formar a pós-graduação...

JJ - Aí...

AB - Em Parasitologia um espaço implantado aqui...

JJ - É, implantaram na Fiocruz um dr. ... como é o nome dele... lá da Escola Nacional de...
Luís Fernando resolveu...

AB - Ah, foi o Luís Fernando.

JJ - Dizer que o importante nas instituições de pesquisa era implantar mestrado e doutorado, eu fiz parte desses... de organizar esse curso, mas não tive uma atuação marcante não... eu ia lá, dava palpite e tal, mas não trabalhei por isso.

AB - Na estrutura, pensar as cadeiras...

JJ - É, mas...

AB - Quer dizer, mas para ...

JJ - Eu ia lá porque era obrigado... quase obrigado, mas o que eu achava que essa Instituição devia fazer era o cara estar trabalhando aqui... e não ficar fazendo crédito..., mas no fim eu estava errado, eu acho que o cara tem que ter mestrado, tem que ter doutorado, tem que saber conciliar as duas coisas.

AB - E a volta da coleção para o Castelo... primeiro a ida dela para o hospital...

JJ - Foi muito tumultuada...

AB - Fala para a gente um pouquinho disso, quer dizer essa ida dela para o ...

JJ - Foi...

AB - Hospital, foi uma pressão pura... ou vai ou racha ou quebrou...

JJ - Ou vai ou eu jogo tudo fora pela janela, se o senhor não tirar, eu vou jogar tudo fora...

AB - Isso foi a fala do Gilberto?

JJ - Gilberto e recebendo ordem do [Rocha] Lagoa, tire aquilo de lá de qualquer maneira... tanto é que a gente tinha uma estrutura...

AB - E os outros pesquisadores que aqui estavam que eram de outras coleções, não lutaram para conservar elas?

JJ - Cada um mal cuidava de si... não é, esse é que era o problema, cada uma mal cuidava de si...

MR - Eu sei, mas, deixa só eu interromper um pouquinho pegando esse gancho da Bela, não tinha muitas coleções separadas, só tinha a Helminologia que estava no próprio prédio, não é?

JJ - Não, estava lá na Helminologia mesmo...

MR - A Helminologia estava lá e tinha vocês da Entomologia que...

JJ - Mas o pessoal da Helminologia era ligado ao Lagoa, então aquilo continuou tudo como estava e ninguém mexia lá.

MR - Então, pois é isso que eu estou falando, a Malacologia, o Lobato já estava aqui quando tinha a coleção...

JJ - Não tinha coleção, dr. Hugo tinha uma coleção, levou para o Museu Nacional...

MR - Ficou para ele é, e o resto ficou, o que tinha de coleção mesmo na realidade era a tua.

AB - Não tinha na verdade uma...

JJ - Era a Entomologia...

MR - Era aquela, é...

AB - Era só ela.

JJ - É, o resto cada um...

MR - No seu próprio laboratório ficava as pequenas...

JJ - No seu próprio laboratório era tudo pequeno, só essa que era grande... E aí aquilo foi aos trancos e barrancos, perdeu muita coisa, quebrou, coisas não chegaram ao destino, a gente nunca soube o que aconteceu, até que o Vinícius mandou trazer de volta, aí veio numa qualidade melhor..., mas também se perdeu, quebrou gaveta e tal... imagina chamar uma companhia de mudança, aí diz carrega, aí o cara carregava, jogava aquelas caixas...

MR - Esse material depois que foi organizado lá no Castelo, José, vocês têm noção do que que foi perdido...

JJ - Não...

MR - Até hoje vocês ainda não sabem, não é?

JJ - O Orlando não conseguiu fazer...

MR - É, tem muita coisa.

JJ - Era sozinho, não é, a gente não pode dizer o Orlando não conseguiu fazer, nunca deram condições para ele fazer...

MR - É para ele, é.

JJ - Como hoje o Sebastião não pode fazer...

MR - Não pode é, não tem jeito.

JJ - Imagine, o Sebastião sozinho cuidar daquela coleção com seis mil gavetas... um milhão e duzentos mil exemplares. Botaram duas moças lá para ser técnicas, as duas abriram um processo contra ele de assédio sexual... então...

AB - Está sozinho... literalmente.

JJ – E a mulher disse para ele o seguinte: “Se o senhor se demitir do cargo eu fecho o processo” ... a garota disse isso para ele: “O senhor se demite do cargo e eu fecho o processo”, imagina um estagiário dizer isso para um..., um técnico de laboratório dizer isso..., isso tudo é orquestrado, tem sempre alguém por trás, querendo a cabeça do Sebastião...

AB – Impressionante. E aí, a gente tem aqui a referência do senhor como chefe substituto do Instituto no departamento...

JJ - É.

AB - Tempo muito grande, não é, de 1987, quer dizer...

JJ - Aí eu fui... bom, vim para cá comecei a organizar, convidar muita gente, tudo foi sendo ocupado e um dia o dr. Coura assume a direção do Instituto Oswaldo Cruz, e aí eu era o responsável oficiosamente pelo departamento, aí o dr. Coura assumiu o departamento, direção do Instituto Oswaldo Cruz e foi visitar, porque ele veio do Fundão, veio visitar cada departamento e tal, no dia que ele veio visitar aqui - para dizer a você que a gente só conhece as pessoas ao longo do tempo, o dr. Coura entrou aqui acompanhado de... não me lembro a pessoa com quem ele veio, porque era... deu um branco, bom ele veio visitar o departamento, num grupo que a gente tinha aqui, levanta um pesquisador e diz o seguinte: “Coura, você não pode dar a chefia do departamento para o José, porque tudo que o José faz é um embuste, é uma mentira”, e começou a falar de mim... é... aí o Coura ficou calado, parado e tal... e o cara falou na minha frente, do meu lado... e aí o Coura disse: “Olha, estou vendo que não é o momento para eu ficar aqui, eu vou embora e voltarei outro dia”. E o sujeito chamava Mário Aragão, ainda é vivo, Mario Beaurepaire Aragão, e eu tinha sido procurador dele, ajudava ele, trouxe ele para cá, ele... o Lagoa o mandou para o Paraná, porque queria destruir o departamento, então ele foi fazer mestrado no Paraná, quer dizer, me dava com o sujeito, de repente, saiu lá do íntimo dele alguma mágoa, alguma coisa de que eu ia ser o chefe dele, e aí disse aquilo. Então o Coura vendo aquele clima convidou o dr. Deane para ser o chefe do departamento e o Deane chegou aqui e como eu era a pessoa mais velha e tal, o resto tudo era gente jovem, me convidou para ser o chefe substituto dele, e eu fui chefe substituto até descobrir a sacanagem que ele fazia comigo. Aí um dia eu pedi demissão, disse que eu não gostava de trabalhar com ele e com a mulher porque eles eram desonestos... e me demiti do cargo..., o Deane era pior do que a mulher, que ele era metido a bonzinho, era dez vezes pior do que a mulher dele que era uma... vou falar um palavrão...

AB/MR - (Risos).

AB - E aí essa atitude dele era mesmo a nível de trabalho até de publicações?

JJ - Não, ele era um cara culto, competente, mas era desonesto, não é, era um cara sem moral, não é, aparentemente nessa comunidade eu sou o único cara que fala mal dele.

MR - Perseguição pessoal é isso?

JJ - Que é?

MR - Era uma perseguição pessoal.

JJ - Não, ele era desonesto, a raiz dele era desonesta, era imoral mesmo, amoral...

AB - O senhor tocou num ponto que é... ele é quase um consenso aqui dentro.

JJ - É, ele era desonesto, ele e a mulher eram desonestos e imorais...

AB - Mas o consenso aqui dentro é o oposto.

JJ - É, porque eu convivi aqui no dia a dia com ele, o pessoal confunde competência profissional, não é...

AB - Escrita, o que publica...

JJ - Escrita, o que publica, tal...

AB - O que descobre...

JJ - Com a moral do indivíduo, que não tem nada uma coisa a ver com a outra. Eu posso dizer quais foram as imoralidades que ele fez, se houver chance eu vou contar...

AB - Está certo...

JJ - Igual o dr. Lobato, todo mundo acha que o Lobato é uma sumidade, é um cara desonesto, mentiroso, uma série de outras coisas... posso dizer tudo isso dele. Ele mandou doar a coleção, a coleção do Instituto Oswaldo Cruz, isso que vocês vêem lá, um milhão e duzentos mil exemplares, ele disse assim: "Isso aqui é um órgão do Ministério da Saúde e eu não quero ter esses bichos aqui, então eu como diretor vou doar isso para Universidade Federal do Rio de Janeiro, para o Fundão", aí quando eu ouvi ele dizer aquilo fui até o José Cândido, fui a Newton Santos, fui no Fundão e contei o que ele ia fazer e que eu ia botar a boca no mundo, ia para os jornais, ia para as revistas, ia fazer um troço. Aí o José Cândido disse: "Olha José, pode ficar tranquilo que eu vou falar com o pessoal do Fundão, que ninguém vai receber isso lá", e dito e feito, nunca ninguém quis aceitar... Um dia o Lobato foi demitido daqui pelo Vinícius, não é..., que ele foi armando tanta coisa, porque ele era assim, você entra na sua sala, marcava entrevista com ele, aí

ele ia receber você e você contava um problema... e aí ele começava a falar mal de um indivíduo que saiu e assim sucessivamente, ele ia fazendo isso até que as pessoas um dia dissessem assim “Pô, mas ele falou mal de você, pois é de você também”...

MR - De você também.

AB - Uma rede de intrigas, não é.

MR - É...

JJ - Aí as pessoas começaram a descobrir quem era ele, não é, porque ele é culto, competente, ele é trabalhador, mas é isso daí. Ele não tem moral, ele mora aqui de graça, lá naquela casa há quinze, vinte anos, não paga luz, não paga gás, não paga telefone, não é, então qualquer indivíduo daqui podia fazer isso...

AB - Em vez de fazer rede de...

JJ - Que rede ...

AB - Ciências era rede de intrigas... (Risos)

JJ - Botou a mulher dele não sei como ela... deve ter, deve ser... não sei... ele deve ter... um grande charme, a Lígia deve ser uma sofredora, porque ele trata ela pior do que capacho e ela diz: “Morzinho, tal”, e ele quando ela abre a boca para falar numa reunião, ele só manda ela calar a boca, assim, direto, não é, ele trata ela com um... e assim, deve ter um charme fantástico para as pessoas conseguirem...

AB - Está certo.

JJ - Imagine que eu pedi uma bolsa de auxílio de pesquisa, já vou dizer porque o cara é desonesto, ele como eu não fazia o que ele mandava, porque ele era capaz de dar ordem “você faz isso, faz aquilo”, eu disse: “Não, não vou fazer, o senhor tem que me provar porque eu tenho que fazer” ...

MR - Ele tinha um cargo aqui...

JJ - Ele era vice-presidente de pesquisa...

AB - Vice-presidente de pesquisa.

JJ - Eu pedi uma bolsa a ele como eu estou pedindo há trinta anos, quarenta anos... e ele para me chantagear...

AB - (TI)

JJ - O diretor do Instituto tem que botar, ele não me devolveu, ele não assinou e ficou segurando aquilo, aquilo é para assinar na hora...

AB - Lógico.

JJ - Ele não devolveu. Aí, estava chegando o prazo limite e eu refiz todo o pedido, mandei para o CNPq sem a assinatura do diretor e disse na carta que “estou mandando sem a assinatura do diretor, dr. Lobato Paraense, porque ele está há quinze dias com o meu pedido na mesa dele e não despacha, para evitar de que...”

AB - Perca a data.

JJ - Eu perca o pedido, eu estou mandando e que eu me submeto a qualquer coisa”, bom, o conselho julgou e me deu a bolsa, dez dias depois de ter terminado o prazo ele me deu assinado, eu mandei de volta para o conselho...

AB - Só para prova.

JJ - Com a data anterior... entendeu o que é fazer chantagem...

AB - Que loucura, não é...

JJ - Isso se ele fez comigo, ele devia ter feito com outras pessoas, não é porque ele era anti-semita ou qualquer coisa, ele deve fazer isso com outros, pergunta lá a essa moça, que ele deve fazer o diabo com essa garota e eu não sei como é que essa garota agüenta isso... como é o nome dela?

AB - Silvana.

JJ - Silvana.

MR - Oh José, e o dr. Deane, que problemas... você teve problemas pessoais ou...

JJ - É.

MR - Dentro da carreira.

JJ - Um dia, como é que começou o problema, é promoção dos pesquisadores no Instituto Oswaldo Cruz, o dr. Coura baixou a regra, não é, o Conselho de Orientação do Instituto baixou a regra, que para promover pesquisador naquele ano, e eu estava na reunião, porque eu era representante dos pesquisadores associados, que a regra era número de trabalhos publicados e tinha lá mais dois itens... então cada um fez o seu relatório e foi submetido o que: só podia ser promovido uma ou o resultado, não é, da promoção, no departamento de Entomologia tinha publicado dez trabalhos ou oito trabalhos, ele promove a dra. Alina Szumlewicz que tinha publicado dois, e na Malacologia ele promoveu a dra. Míriam Tender que publicou um e o meu irmão tinha publicado quatro. Eu disse “Ah! Essa eu não vou agüentar”, e a Maria Deane era... já era diretora... não sei se era ele o Coura... não a Maria Deane era diretora... aí eu disse: “Dr. Deane, isso não pode acontecer”, ele disse: “Não, ela é... coitada, ela está velha, ela tem mais alguns anos de vida”, eu disse “Não, não... se fez a regra vai cumprir a regra”, aí começamos a discutir e a partir daí criou o problema, então...

MR - Quebrou a ...

JJ - Quebrou ela...

AB - Não, e quebrou um elo de... a regra existe para ser transparente, se não é transparente não adianta fazer regra...

JJ - Era transparente, porque eu estava lá na reunião, todo mundo recebeu aquele papel.

AB – Aí...

JJ - A briga foi de tal nível, a Maria Deane era diretora, não era o Coura não, o Coura era...

AB - Vice-presidente de pesquisa.

JJ - Vice-presidente de pesquisa. É porque eu fui lá para a reunião do CD e contei tudo isso. E aí ela ainda criou um outro problema, ela tinha que promover o pessoal de nível coisa, a Jane trabalhava comigo e ela mandou não promover a Jane e mandou promover outras pessoas...

Fita 2 – Lado A

JJ - Botou o dedo no meu nariz e disse assim: “O senhor está fazendo tumulto, aquela sua estagiária...” a Jane era minha estagiária, ou minha assistente, “Ela não entende nada”, começou a xingar, aí, eu saí aos berros, veio um palavrão daquele no meio do pátio, todo mundo saiu para ouvir. Ele ia embora, cheguei aqui e disse para ele: “Olha, não é sua mulher que vai me amedrontar” e falei tudo que eu tinha que falar, “E vou dizer ao senhor e tudo isso vamos esclarecer ou eu vou botar a boca no CD [Conselho Deliberativo] do departamento”. E levei para o CD do departamento, levei, porque ela não voltou atrás, e aí o Morel era presidente da Fundação, foi para o Morel, depois foi para o Arouca, foi os diabos e ela teve que se demitir do cargo, ela largou o cargo de diretor do Instituto, um mês depois ela se demitiu do cargo de diretor do Instituto. Eu não fui promovido, meu irmão não foi, a Jane não foi e ela deixou de ser diretora e eu pedi demissão de ser o chefe substituto dele.

AB - Dele. Mas já era o Morel no ...

JJ - Eu não sei precisar todas essas...

AB - Eu acho que era.

JJ - Mas eu acho que o Morel devia ser vice-presidente do Arouca...

AB - Acho que ele era vice-presidente do Arouca...

JJ - Do Arouca.

AB - Isso...

JJ - E a Maria Deane era diretora...

AB - Que era bem anos 1980 e ela era diretora do IOC...

JJ - Do IOC.

AB - Devia ser uma relação assim.

JJ - E eu era secretário do Arouca, e aí o Arouca disse: “José você vai fazer isso, você acha que tem que partir para o enfrentamento”, eu disse: “Olha, ou vamos esclarecer isso ou eu vou partir”, e aí o Arouca disse: “Está bem, se você acha que tem que fazer, faça”.

AB - É porque nos anos 1990 o senhor já era assessor dele, assessor especial do presidente...

JJ - É.

AB - Quer dizer foi bem esse contexto mesmo.

MR - E esse tipo de problema com ele, você soube de outros casos, tinha, era uma coisa...

JJ - Eu tenho que tentar me lembrar, eu tenho uma pasta de cada um deles, se eu abrir a pasta vou me lembrar de alguns casos.

MR – Tem, não é?

JJ - Quando o cara entra na minha coisa eu abro uma pasta para aquele cara...

MR –Risos.

JJ - Eu tenho a pasta do Deane, da Maria Deane...

MR - Eu só estou te perguntado isso porque como a Bela falou eles...

AB - Há uma áurea de mítica em cima deles...

JJ - É.

AB – Não é?

JJ - Imagine um dia, eu vou numa reunião, eu fazia parte do CD, quando o Sérgio Coutinho propôs botar o nome daquele Pavilhão 26 para o Deane, eu digo, “Meu Deus do céu, nós estamos aqui fazendo o oposto, o cara era desonesto, perseguia com aquele ar de bonzinho, tudo isso, fazia as maiores patifarias possíveis e tal, no departamento ele

só cuidava do laboratório dele, todo mundo que ele podia contratar era para o laboratório dele, o resto todo mundo vivia à míngua... e é esse o cara que vocês vão dar nome?”, e deram o nome e o Pedro dizia: “José, pelo amor de Deus, fica calado...”

AB/MR - (Risos).

JJ - Porque será você contra todos, deixa o que você vai fazer, deixa”, então você hoje está dando oportunidade para eu contar essas histórias...

AB - De botar isso para fora (Risos).

JJ - É.

AB - Bota isso para fora (Risos). É...

JJ - Não sei se um dia isso pode ser utilizado, mas eu estou satisfeito de estar botando isso para fora...

AB - Ah! Não, sem dúvida, sem dúvida, eu acho que cada vez mais a gente precisa ter sempre, para a gente não ter a perspectiva de fazer, reviver a história, porque essa perspectiva historicista não é a nossa, a gente sabe que o que foi, foi o que a gente tenta fazer, é reconstruir das formas possíveis as imagens do que foi, mas se a gente ficar sempre reconstruindo só de um jeito, passa essa imagem de que foi perfeito...

JJ – É o ministro da propaganda nazista...

AB – O que a gente quer fazer aqui é juntar novas versões...

JJ - O ministro da propaganda nazista que era o Goebbels, dizia que uma mentira dita mil vezes vira uma verdade...

AB - Vira uma verdade e eles viraram uma verdade dentro dessa Instituição de uma maneira que eu acho que a gente, se fizer isso é o risco que a gente corre de fazer as pessoas que hoje a gente tem uma visão crítica, mas que são adoradas, também se tornem mito da verdade, então eu acho que essa coisa para gente, o mais rico da História Oral para mim é isso, é a possibilidade de cada um dar a sua...

JJ - Versão...

AB – A sua vida, o seu olhar sobre essa vida, se vai bater com o olhar do outro ou não...

JJ - Isso não importar...

AB - O pesquisador que vier ler e que ter que daqui a alguns anos, o historiador que vier fazer a história dessa Instituição, vai dar de cara, tem uma diferença aqui...

JJ – É.

AB - E o historiador trabalha as diferenças, ainda bem, não trabalha mais o que é homogêneo. É uma coisa que eu queria perguntar para o senhor, falando um pouquinho sobre esse laboratório, da referência em taxonomia de...

JJ - Triatomíneos...

AB - Triatomíneos...

JJ - Mas você está pulando muito, não está?

AB - Não estou não, sabe porque, é anos 1980, eu queria pegar isso antes de vir para os anos 1990...

JJ - Isso...

AB - Porque isso foi a conjuntura já Arouca, ali quando você estava como assessor...

JJ - Em 1989, eu recebi um telefonema lá do Ministério da Saúde em Brasília, perguntando se eu queria sediar um laboratório desse tipo, no laboratório só tinha eu, a Jane Margareth Costa e a dra. Teresa Cristina, essas três pessoas e eu disse: “Pô, sediar aqui no Instituto um laboratório com esse nome que vocês estão dando”, ele disse: “Ah, não, nós confiamos no trabalho que você faz, tal e nós vamos dar condições para você fazer esse laboratório”, então várias pessoas se candidataram em Brasília, em Belo Horizonte, Salvador para sediar esse laboratório e o Banco Mundial...

AB - O BIRD.

JJ – É, o BIRD deu, e a Fundação Nacional de Saúde, estavam querendo criar isso e acabaram escolhendo, porque cada um mandou um projeto, fiz um projeto e acabou esse laboratório sendo escolhido e me deram quinhentos mil dólares para montar o laboratório. Então eu contratei sete pessoas e o laboratório foi montado e continua ainda, tão logo essas pessoas começaram a se sentir contratadas e tal, me deram um pé e foram embora. Então há três anos atrás, o primeiro convênio durou, era para durar cinco anos, durou um pouco mais...

AB - Então foi de 1988 até noventa...

JJ - Não, de 1989 a 1990 que começou, durou até dois anos e meio atrás...

AB - Foi até 1996, 1997...

JJ - 1996, porque em 1997 me deram outro e aí 1997 me deram outro e perguntaram o que você quer? Eu digo: “Contratar gente”, ele disse: “Mas você já tem sete pessoas, que você contratou”, aí eu disse: “Oh, levei um pé no traseiro deles”, ele disse: “Está bem, então você tem direito a contratar mais quantos você quiser”. Contratei mais sete, me deram dinheiro para contratar mais sete, porque os outros foram embora, Jane foi embora, Teresa foi embora, a Magali foi embora e assim sucessivamente...

MR - A Teresa era...

JJ - Teresa Cristina.

MR - A Teresa também, é!

JJ - Vou dizer o filho da puta porque outra palavra não pode ter, imagina que eu era chefe do departamento e o Coura disse para mim: “José, você vai ser chefe do departamento, você foi eleito, escolhe quem você quer para ser chefe do laboratório”, eu digo “A Teresa é a pessoa mais indicada, vou colocar a Teresa para ser chefe do laboratório”, e assim durante sete anos eu fui chefe do departamento e a Teresa Cristina, que era minha assistente, foi ser chefe de laboratório, depois eu disse a ela: “O dia que eu deixar de ser chefe, eu volto para chefia do laboratório e você continua como pesquisadora”. Então na última eleição eu me candidatei de novo, ia ser o quinto período...

MR - Quinto período.

JJ - E a Teresa era a minha chefe substituta como chefe de departamento, ela era chefe do laboratório, e perguntei a ela “Teresa, você quer continuar?”, e ela disse: “Quero”, no dia da eleição ela votou contra mim e no dia seguinte ela foi ser chefe substituta da que venceu a eleição e aí todo o meu equipamento, que ela pediu uma sala, dei uma sala, o Ministério da Saúde comprou tudo que ela pediu e eu autorizei...

AB - Quer dizer o convênio com o BIRD também teve uma verba...

JJ - E ela não devolveu o equipamento, só devolveu essa semana, porque veio um francês trabalhar comigo e eu mandei uma carta para o Coura, mandei outra para ela, e ela devolveu, dois anos depois. Então o palavrão que eu disse ali, não tem outra palavra é aquele palavrão mesmo, entendeu.

MR - Nossa.

AB - E o convênio está em vigor?

JJ - O convênio agora está acabando, em setembro acaba, é esse de três em três anos, dois anos.

AB - Dois anos...

JJ - Dois anos. A gente está pedindo renovação hoje, estamos mandando para Brasília hoje...

AB - Quer dizer, a estrutura da coleção está bem organizada e tal...

JJ - Não, não a coleção não tem nada a ver com isso.

AB - Mas por exemplo, vocês sendo um Laboratório Internacional de Referência em Taxonomia...

JJ - Então, a coleção de barbeiro está comigo...

AB - Isso, essa coleção da triatoma, barbeiro, não estou falando da Entomológica, não.

JJ - Está comigo...

AB - Essa coleção, ela é base do laboratório?

JJ - Ela é base do laboratório.

AB - Quer dizer, e é considerada para eles...

JJ - Um padrão.

AB - Um padrão.

JJ - É.

AB - Quer dizer, a coleção hoje tem o quê? Quantas espécies?

JJ - Para você ter uma idéia, o laboratório foi baseado na coleção do Herman Lent que tem cinco mil exemplares numerados e tem mais um tanto que não estão numerados...

JJ - E há dois anos atrás nós compramos uma coleção de um pesquisador argentino, Rodolfo Carcavallo que estava querendo se aposentar, com quinze mil exemplares, então o dr. Coura autorizou a compra, antes do Coura quem era o diretor, o Cláudio...

MR - Isso.

JJ - O Cláudio Ribeiro autorizou, mas eu acho que foi concretizado já com o Coura...

AB - Coura.

JJ - Então agora nós temos uns 24 mil exemplares na coleção.

AB - Isso é uma prática muito comum, dr. José?

JJ - Não.

AB - A compra de coleções, essa...

JJ - Não.

AB - Essa, troca internacional também envolvendo compra...

JJ - Não.

AB - E venda...

JJ - Isso é um patrimônio de tal ordem que nenhum louco quer vender, isso, é um patrimônio do país, da cultura mundial e aí o Carcavallo disse: “Oh, José, essa coleção é particular minha, nunca pertenceu a nenhum outro organismo, eu fiz ela durante toda minha vida, mas com os meus próprios recursos, então eu posso vender”. Porque eu não sabia como é que o governo da Argentina ia deixar sair, é a mesma coisa de chegar no *Louvre* e querer comprar uns quadros, então o Carcavallo vendeu e nós compramos.

MR - Deixa eu perguntar uma coisa, ele procurou por vocês ou...

JJ - Não, eu encontrei ele no...

AB - Qualquer um compraria.

JJ – Ah, qualquer um compraria.

AB - E como é que a gente conseguiu ter essa prioridade?

JJ – E ele conhecia o funcionamento do laboratório, o Herman...

AB - A vida profissional de vocês.

JJ – É e aí confiou...

AB - Confiou na...

JJ - E aí eu contratei ele para trabalhar comigo... então ele já estava...

AB - Com o dr. Carcavallo?

JJ - É. Então ele tem sessenta e cinco anos, está aposentado da Organização Mundial de Saúde...

AB - Ah!

JJ - E olha aqui, pega esses dois livros que está aqui, esses dois aí. E aí o Carcavallo vem concretizar, para você ver, veio concretizar a fazer o Atlas, entendeu...

AB - Ah! É o Atlas, eu vi tanto aqui na bibliografia e fiquei até curiosa.

JJ - Ele disse: “José, eu estou fazendo isso...”

AB - Ele está aqui?

JJ - Está aqui, só que ele foi à Argentina fazer um tratamento.

AB - Ah! Mas quando ele voltar será que a gente podia conversar com ele?

JJ - Pode.

AB – Hein, Magali, vamos conversar um pouquinho?

MR - Claro.

AB - Nosso projeto vai ficar internacional...

JJ - Aí ele disse: “José, meu projeto é fazer esse Atlas, e aí eu posso terminar ele no Brasil, então, aí, já saíram dois volumes com o nome da Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Nacional de Saúde...”

AB - Gente, que trabalho maravilhoso, meus Deus!

MR - Deixa eu te perguntar uma coisa, essa coleção do dr. Herman é coleção institucional?

JJ - Institucional.

MR - Está.

JJ - O Herman disse: “Não, eu fiz a coleção com o dinheiro da Fundação...”

MR - Isso, então está. E essa coleção você, ela tem número de registro da coleção geral...

JJ - Não, não...

MR - Ou é separada?

JJ - Nunca o Sebastião conseguiu conciliar isso de ter uma numeração única para toda coisa.

MR - Não existe, então cada coleção aqui...

JJ - Cada coleção tem um número.

MR - Tem seu próprio, está.

JJ - É.

MR - E vocês não têm nenhum material do Arthur Neiva.

JJ - Não, eles não fizeram coleção. Têm muito pouco material dele.

MR - Qual é o seu primeiro registro?

JJ - Ah! Não sei, tem que perguntar...

MR - Mas, é de....

JJ - Não. Tem um trabalho publicado da Teresa Cristina que é *As Espécies Tipo da Coleção Herman Lent*, deve estar lá, eu não me recordo...

MR - Está, mas não tem, quer dizer, você não...

JJ - Que eu me recordo, não sei, mas eu posso ir, aqui eu tenho registrado, pegar a ficha número um.

MR: É, isso me interessa...

JJ - Está bem, então vamos pegar a ficha número um e ver o que é.

MR - Está.

AB - Essa coisa que o senhor está falando dessa coleção institucional, coleções particulares, o dr. Herman considerava a coleção dele, coleção institucional...

JJ - Institucional e não admitia... quando ele era chefe do departamento...

AB - Mas não é essa a tônica comum, não é?

JJ - Não, não. Olha como é, o Herman quando era chefe do departamento não admitia que nenhum pesquisador tivesse coleção particular, então ele dizia assim: “Você ganha salário do Instituto, alfinete o Instituto compra, tudo isso, a coleção é da Fundação”, diferente do José Cândido que fez uma coleção particular e vendeu para o Museu...”

MR – Depois ele vendeu ao...

JJ - Agora o Herman não admitia isso, então, ninguém aqui têm coleção particular...

MR - Aqui no...

JJ - Não, o dr. Hugo tinha coleção de Malacologia e que levou para o Museu Nacional...

MR - É. Dr. Hugo levou para o Museu Nacional...

JJ - Você vai tentar trazer a coleção para cá...

MR - De Malacologia, não...

JJ - Não, e a de mosca que está com a Rita ...

MR - Porque tem muita pouca coisa que interessa a gente, era mais moluscos marinhos ...

JJ - E outra coisa, e a coleção de mosca que está com a Rita...

MR - Ah! Essa eu adoraria, mas eu acho que não vem...

JJ - O Sebastião não tem peito para fazer isso...

MR – Não, não tem.

JJ - Eu briguei com ele quando era chefe do departamento, eu falei: “Sebastião, você é o curador, tem que lá buscar o que é nosso”, “Ah, eu não quero.” ...

AB - Essa foi a que a ...

JJ - Não, eu, a culpa é minha...

AB - Quem levou?

MR - Essa é a do dr. Hugo...

JJ - A culpa é minha. Quando eles foram cassados, disseram para mim: “José, isso é a minha maneira de sobreviver, você deixa eu levar os bichos para mim levar para o Museu para eu poder estudar”, eu disse: “Leva, sem registro”, e ele levou o material...

MR - E agora o material está lá, porque ele trabalhou muitos anos com aquela pesquisadora de lá...

JJ - A Rita...

MR - A Rita **Tibana** e o material está lá...

JJ – A Rita deve estar se aposentando.

MR - Outra coisa também, todo o material dele manuscrito está lá.

AB - Mas, e a família dele?

JJ - A família não se interessa...

AB - Reconheceria?... que...

JJ - Não...

AB - Para voltar para cá?

JJ - Não, nem tem interesse, a família...

MR – Isso é um arquivo institucional agora.

JJ - Mas, olha, precisa ter determinação...

AB - É.

JJ - Porque eu acredito que uma coleção de borboleta estava no Museu, eu fui lá e disse que queria...

MR - Conseguiu tirar, aquela..., trouxe?

JJ - Trouxe, estava tudo lá, com aquele Rego Barros...

MR - É, eu sei...

JJ - Ele devolveu tudo.

MR - Mas aí, foi material de empréstimo, como foi isso eu gostaria de saber?

JJ - Foi empréstimo.

MR - É, mas a do dr. Hugo não foi empréstimo.

JJ - Não, mas não importa, mas, não estava escrito que estava emprestado, também...

MR - Hum...

JJ - Não estava escrito...

MR - Porque a Rita, também...

JJ - É um negócio amoral...

MR - Demorou, não, Bela, isso a gente tem que ver... tem que saber lá...

JJ - Precisava de curador, agora nem chefe...

MR - É...

JJ - De departamento não têm mais nada...

MR - O professor Sebastião pode fazer isso...

JJ - Mas ele não vai fazer. O Sebastião não é homem...

AB - Mas será que ele sabendo que tem gente do lado dele...

JJ - Ele sabe muito bem, se ele levou para lá, foi ele que levou também...

AB - Não, não. Mas ele, assim, tendo pessoas ao lado, ele não...

JJ – Não, ele não vai fazer...

AB - Iria...

JJ - O Sebastião não é...

MR - Não faz.

JJ - Não tem essa índole, de fazer isso.

MR - A gente está com um convênio, nós abrimos através desse projeto, um convênio guarda-chuva ...

JJ - Eu tenho que ir almoçar, 11:30...

MR - Então vamos parar... você quer parar agora?

AB - (Risos).

JJ - Não, podemos... qual é o dia que a gente pode continuar?

AB - Não a gente continua... aí fecha os anos 1990, numa próxima.

MR - Na próxima segunda...

AB - Pode ser...

JJ - Pode ser... que dia que vai ser...

MR - Próxima segunda pode?

JJ - Pode.

Data: 31/05/1999

Fita 3 – Lado A

AB - Projeto Memória das Coleções Científicas na Fiocruz, entrevista com o dr. José Jurberg, dia 31 de maio de 1999, fita número 3. Então, retomando hoje a gente podia retomar por dois aspectos, vamos falar um pouco então da questão da biblioteca da Fiocruz, que o senhor queria falar, da nossa biblioteca geral, da história dessa biblioteca, que pouco a gente sabe, então eu acho bom saber sobre os primórdios dela e depois a gente começa a falar sobre os anos 1970 e as Coleções Científicas.

JJ - Tudo bem. Então, a minha vivência, no que eu posso falar da biblioteca, da minha chegada ao Instituto Oswaldo Cruz e saber da importância que tinha uma biblioteca de revistas, para um pesquisador, posso falar?

AB - Pode.

JJ - Então, só a partir de vinte e cinco anos de idade, eu não sei com quantos anos eu entrei aqui, vinte e cinco anos de idade é que eu passei a dar importância à medida que eu fui começando a trabalhar, saber que eu tinha que ter bibliografia para não repetir o que outro tinha feito. Então a partir de 1960, eu comecei a dar importância e vi a biblioteca começar a se deteriorar e não sabia o que era a deterioração de uma biblioteca, até que chegou...

AB - Mas como que o senhor vivia essa deterioração, o senhor percebia isso como?

JJ - Não, a chefe da biblioteca, dona Emília Bustamante...

AB - Emília Bustamante...

JJ - Dizia para mim que a biblioteca tinha chegado no limite máximo do crescimento e que ela não tinha mais como expandir e não tinha gente suficiente, não tinha condições de fazer aquela biblioteca permanecer no *status* que ela sempre teve. E aí me levou para conhecer lá no último salão que a estante de aço, aquela grande, estava começando a tombar e tinham colocado travessões de madeira, para a estante não tombar.

AB - Isso era no primeiro andar do Castelo.

JJ - Não, no último andar.

AB - Era o último andar.

JJ - Não, no terceiro andar...

MR - Terceiro andar...

AB - Terceiro andar do castelo.

JJ - No terceiro andar do Castelo. Então diziam para mim que a biblioteca tinha que sair do lugar, sair de lá, porque lá já não comportava, aquilo podia ruir, porque ela não foi calculada para toda...

MR - Peso, não é?

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

JJ - Toda essa vida de cem anos e que agora o número de periódicos estava ultrapassando e não tinha mais onde guardar...

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

JJ - Então chegou o momento em que essas condições foram se agravando e aí, eu não sei qual foi a influência política, resolveram mudar a biblioteca para uma das pernas ou das alas do INCQS...

AB - Isso.

JJ - Então, a biblioteca...

AB - Eu cheguei a pegar quando eu ingressei.

JJ - A biblioteca foi mudada para lá, é...

AB - Mas só os periódicos, as obras raras ficaram.

JJ - É, ainda não tinha espaço. E um dia me telefonaram, para que eu fosse ver a tragédia que estava ocorrendo lá na biblioteca. A biblioteca ocupava a parte de cima e os periódicos, tal ficavam no porão. Então tinha caído uma grande chuva naquele verão e havia um palmo d'água no porão molhando, porque tem um pequeno espaço entre a primeira prateleira e o chão. Então a água estava começando a molhar, e a biblioteca, todos os livros no subsolo, passam canos de água, esgoto, gás e em cima de alguns gotejava. Então estavam lá, botando plástico preto, né, para água escorrer, alguns livros já estavam perdidos.

MR - Esses livros saíram lá do terceiro andar...

JJ - Todos saíram...

MR Porque a estante já estava tombando, é isso, porque aquela estrutura de aço estava tombando...

JJ - É, não agüentava mais o peso, e aí resolveram trocar a biblioteca, então ela foi lá para o INCQS. Então eu fiquei chateado com aquilo, tal, e eles disseram que eu era a única esperança, que eu podia, eu era um conhecido pelas brigas que eu arrumava, e aí que eu era uma esperança para tentar convencer. Eu era secretário do Elói, era secretário do Conselho Técnico Científico da Fiocruz.

AB - Do Morel?

JJ - Não, do Elói não, do...

AB - Arouca.

JJ - Do Arouca...

AB - Isso.

JJ - Então levei aquilo lá para a reunião, pedi ao Arouca para colocar aquilo lá na pauta e tal e o Arouca tentou por muito tempo arrumar verba para construir uma biblioteca, para melhorar aquelas condições, mas não teve, ninguém conseguiu dar dinheiro para ele, acabou a administração do Arouca, entrou depois o Herman Schatzmayr...

AB – Schatzmayr.

JJ - E aí o Herman me convidou também para ser o assessor dele e me lembro que no primeiro dia depois da eleição do que saiu o resultado da eleição, da eleição não, que saiu, o ministro confirmou...

AB - A publicação.

JJ - O Herman Schatzmayr como presidente. E eu fui lá falar com o Herman que aí, ele perguntou se eu não queria continuar como assessor da Presidência, eu disse que sim, que eu continuaria no cargo de secretário do Conselho Técnico Científico da Fiocruz. Essa Instituição, Conselho Técnico Científico da Fiocruz, o Morel acabou com ela, resolveu não levar ela adiante.

AB - Mas foi quando as Câmaras Técnicas foram criadas.

JJ – É, eu acho que não houve isso...

AB - Não houve muita lógica nisso...

JJ – O Morel não queria ficar...

AB – O Morel não queria.

JJ - Então me lembro muito bem sentado na sala com Herman, o Herman me perguntou “E agora José, o que a gente vai fazer”, eu digo: “Olha, eu achava que uma das bandeiras que você tinha que lutar, era para tentar construir a biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, que aquilo é o caos”. Então ele me deu a tarefa de tentar encontrar o caminho, então eu fiz o seguinte, eu já não me lembro mais como foi feito, fui à biblioteca lá, e fotografei tudo aquilo, água no chão...

AB - Documentou, não é?

JJ - É plástico cobrindo, tudo que você... tudo que era mazela...

AB - Isso.

JJ - Da biblioteca eu fotografei e fiz um álbum e dei para cada um dos membros do Conselho Técnico Científico da Fiocruz. No Conselho Técnico Científico tinha, eu não me lembro do nome, mas, o Herman deve saber, que tinha sido professor do Ministro da Saúde, que era aquele Guerra.

AB - Alcení Guerra.

JJ - Alcení Guerra.

AB - Das bicicletas.

JJ - Isso. Aí no dia da reunião o Herman programou um dia inteiro, nós pegamos o ônibus, levamos todos de manhã para conhecer a biblioteca, o estado, contava as dificuldades, levamos ao Castelo para mostrar aquelas estruturas e tal, e que aquilo era uma obra primordial, se não ia perder um patrimônio daquele que não tinha mais preço. Então o Alcení disse para o Herman Schatzmayr que quando voltasse ao Rio Grande do Sul a primeira coisa que ele ia fazer era telefonar para o ministro, que era muito amigo dele, para pedir uma verba para...

AB - Quer dizer, essa pessoa do Conselho Técnico ligaria para o Alcení.

JJ - Isso, isso.

AB - Está.

JJ - Eu não me lembro se era o Krieger, ou se era um outro que era o professor, mas isso está registrado no livro do Conselho Técnico...

AB - Do Conselho, essas atas seriam interessantes...

JJ - Nas atas...

MR - Interessante, é.

JJ - É a ata está espoliado isso.

AB - Vamos conseguir isso.

JJ - Como eu era responsável pela ata, ela tinha que ser *ipsis litteris* tudo que se falava na reunião. Então durante os cinco anos do Arouca, quatro anos e pouco do Arouca e do Herman, tudo isso está registrado nos livros. Então eu não sei todos os nomes, mas...

AB - Sem problemas, depois a gente faz uma pesquisa.

JJ - Então ele chegou e arrumou, o ministro liberou uma verba para construir a biblioteca. Eu tinha sido nomeado presidente da comissão para construção da biblioteca e aí a gente começou, teve uma discussão quem seria que faria o projeto, seria o Niemeyer ou se seriam outro arquitetos, falou em fazer um concurso e tal, até que convenceram que os arquitetos do Instituto seriam capazes de idealizar um projeto que fosse à altura do que era uma biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz. Então os arquitetos fizeram aquilo, eu me lembro que houve muitas discussões, reuniões, e o dr. Carlos Chagas Filho, pedia para que não incorresse no erro que tem no Fundão. Que essa biblioteca daqui do Castelo durou 60 anos ou 70, e nunca deu bolor, nunca deu mofo, nunca deu problema nenhum, bastava abrir as janelas que aquilo vivia muito bem conservado. O Chagas aí lembrou esse fato e disse que deveria se orientar as janelas da biblioteca no sentido de onde sopra o vento, porque sopra sempre um vento na mesma direção e aí bastava abrir as janelas e aquilo estaria preservado, mas lógico, queriam fazer uma biblioteca moderna, fizeram com ar condicionado e esse problema que vocês conhecem aí, que funciona, dá fungo, tal...

AB - Com fungo todo.

JJ - E um tempo depois, o Lenzi assumiu a responsabilidade da parte técnica, ele convidou... era uma senhora que era chefe da biblioteca, antes dessa sra. que está ocupando, para ela visitar algumas bibliotecas fora do Rio de Janeiro para ver é... é... os novos sistemas de consulta, tal. Me lembro que o Lenzi dizia que as revistas deveriam ficar dois anos acessível, para não guardar, então isso foi correndo, até que aí o Lenzi assumiu a responsabilidade da biblioteca e eu deixei eles fazer isso, né. E aí a biblioteca começou a tomar corpo e foi embora, e o que magoou a mim e ao Lenzi, foi que na hora da inauguração é... eu e ele que lutamos muito tempo, nós fomos abandonados... a gente não queria ser homenageado nem nada, mas queria que... é...

MR - Reconhecimento...

AB - Reconhecimento...

JJ - Reconhecimento.

AB - Ótimo. E uma coisa que o senhor me interessou, que o senhor colocou no começo, a questão da importância dos periódicos para a vida científica no caso, por exemplo, saber bem...

JJ - Então...

AB - Citar as pessoas para não achar que por exemplo, encontrou alguma coisa nova quando outras pessoas já o acharam.

JJ - É. Então a coisa fundamental na pesquisa é que antes de iniciar aquela grande idéia que a gente acordou durante à noite que vai fazer, é que se faça uma pesquisa bibliográfica para ver se alguém já não fez aquilo, que essa grande idéia passa na cabeça de muitas pessoas, só que alguns têm competência e outros não têm. Então o primeiro passo é ir à biblioteca, consultar no assunto tudo que já foi escrito, então...

AB - E para isso os indexes um trabalho todo de coisa...

JJ - É.

AB - É fundamental.

JJ - Sem isso nós não andamos, então à medida que a gente vai ficando velho a gente já vai se assenhorando com a bibliografia e as pessoas conhecendo nosso trabalho, mandam para cá tudo que a gente, o uso da biblioteca fica, não fica assim...

AB - Facultativo.

JJ - Tão, tão, que antigamente eu ia toda quarta-feira...

AB - Obrigatório.

JJ - Ver o que saiu de novidade naquele assunto e agora eu vou...

MR - Só recebe, já vem direto para você.

AB - E agora com esse problema todo de assinatura a gente não recebe mais.

JJ - Não e agora ocorreu, está ocorrendo uma coisa que a gente...

AB - Cancelaram as assinaturas.

JJ - As pessoas cada dia estão pegando mais coisas para trabalhar do que podem executar, então ir à biblioteca, entre outras coisas, não é mais fácil ir, largar o seu trabalho para ir à biblioteca, as pessoas agora ficam no carro, ficam na *Internet*, ficam isso e a biblioteca está..., não... eu acho que não está sendo consultada. Então eu agora sou editor de uma revista, estou lutando muito para que a gente possa ter um grande número de separatas dos artigos que cada um publica, para pelo menos a gente poder mandar para cada uma das pessoas que trabalham com aquilo...

AB - Isso... Então, retomando a gente estava conversando sobre a questão, não, tempo para...

JJ - Isso.

AB - Como se a ida à biblioteca não fizesse parte da pesquisa mais?

JJ - Então, a gente tenta facilitar, dando em cada artigo desse que a gente publica, bastante separatas...

AB - Um número grande de separatas e o senhor distribui...

JJ - Para que as pessoas possam distribuir, pelo menos para aqueles que estão no momento trabalhando com o assunto.

AB - E isso é uma forma também de criar redes, grupos de pesquisa...

JJ - Isso, isso.

AB - Núcleos que você acaba fazendo...

JJ - Nós próprios pertencemos a uma rede chamado ECLAT, em que todo pessoal que trabalha com o barbeiro, tenta se integrar através dessa rede, nos trabalhos. Então...

MR - Essa rede começou quando, José?

JJ - Começou uns cinco anos atrás com um inglês que trabalhava aqui no Instituto com o dr. Lobato...

MR - Quem era ele?

JJ - É o Chris Scofield.

MR - Chris Scofield.

JJ - O Scofield trabalhava no Museu Britânico e agora ele saiu do Museu Britânico, ele já era aposentado, é jovem, mas ele se aposentou e está no *London School of Tropical Medicine*. Então o Scofield montou essa ECLAT, que é *European Communities Latin American Triatomíneo Research*...

MR - E ele trabalha com barbeiros...

JJ - Trabalha com barbeiros.

MR - Com vocês aqui.

JJ - É. O interesse dele hoje é político, ele lá da França, que ele vive na França, arrumar condições dos países combaterem os vetores da doença de Chagas. Então, essa rede..., então ele, o ministro da Saúde... De todos os países da América do Sul, para tentar convencê-los que uma das maneiras de controlar a doença de Chagas é eliminar o barbeiro...

AB - Certo.

JJ - Ele usa a palavra exterminar, mas não existe isso, ele pode é controlar...

MR - Isso.

JJ - Mas ele para conseguir dinheiro, ele usa dizer que vai exterminar e que vai acabar com...

AB - Conversando sobre a questão de exterminar, pensando na questão toda do equilíbrio da fauna, flora, essa coisa de você exterminar ou um mosquito ou outro tipo de inseto...

JJ - Não existe isso.

AB - Como é que os biólogos pensam isso?

MR - Não existe, não existe..., não é...

JJ - Pode ser que para político venda essa idéia.

MR - Fizeram isso com a malária na década de 1960...

AB - Pois é, eu lembro...

MR - Foi o mesmo projeto e não conseguiram...

AB - O que vocês usam é controlar...

JJ - Controlar...

MR - É, controlar...

AB - A erradicação da doença.

JJ - Da doença através do controle do vetor...

AB - Agora do hospedeiro, transmissor ou não, ele tem que ser tratado como meio, não...

JJ - E ele jamais vai ser erradicado, porque quando o homem morrer, quando acabar os homens, a humanidade, na Terceira Guerra Mundial...

AB - Eu gosto dessa coisa... (Risos).

JJ - Os insetos vão continuar vivos ainda.

MR - E como não é, José. (Risos).

JJ - Já estão muito antes dos homens, e vão passar...

AB - Acho isso muito interessante. Já que a gente está falando de inseto, vamos chegar lá no papel de...

JJ - Bom, então da biblioteca...

AB - Sua função de responsável...

JJ - Acho que a biblioteca está mais ou menos...

AB - Acho que já está bem interessante, é. E eu me comprometo de localizar os documentos...

JJ - Eu tenho.

AB - E anexar na entrevista...

JJ - Eu tenho.

MR - Você tem.

AB - Então está ótimo.

JJ - Eu tenho todos os documentos do que eu fui, eu o Lenzi...

AB - Não, e as atas!

JJ - Ah! a ata é importante mesmo...

AB - Porque o livro de ata ainda deve estar no material permanente da...

JJ - Eu devolvi para Casa de... [Oswaldo Cruz].

AB - Presidência...

JJ - Oswaldo Cruz quando... é devolvi...

AB - Então pronto. Está na Casa, na pesquisa...

JJ - Mas a Luíza, que é secretária...

MR - Está na Casa de Oswaldo? Com a gente?

JJ - É, eu devolvi para Luíza que era secretária do presidente...

AB - Na Presidência.

JJ - Para que ela devolvesse para o Gadelha. Agora se foi...

AB - Aí eu sigo esse caminho, eu refaço esse caminho e...

MR - É.

AB - Localizo.

JJ - E eu lutava muito...

AB - Eu me comprometo.

JJ - Tem muita gente que queria que a ata fosse telegráfica, eu disse não, tudo que se falar lá vai ter que ser transcrito...

MR - É.

JJ - E aí o Arouca botou um gravador, vinha alguém lá da Escola, cada membro, tinha onze membros no conselho técnico-científico, quer dizer, cada um tinha um microfone para falar. Então não se perdia nada, passava dez dias fazendo essa bendita ata, então...

AB - (TI) ótima...

MR - É, puxa.

JJ - Depois passava para o livro.

AB - Isso.

JJ - Ela acreditava no livro, eu tinha... eu devo ter...

AB - Transcrevia.

JJ - É.

AB - Está certo, está ótimo. É, então a gente estava falando de insetos, agora nessa questão que interessa, questão da erradicação, eliminação, e chega em um momento que eu acho que a gente pode falar não só dos anos 1970, eu queria que o senhor falasse para gente, assim, retomasse coisa que a gente já até falou da Coleção Entomológica e das coleções laboratoriais... dos setores... que eu sei que também os setores tem suas coleções, que eu não sei se no momento irão ou não fazer parte dessa coleção maior, mas que o senhor conversasse com a gente, o senhor viveu esse momento de unificação das coleções...

JJ - Não, eu já cheguei...

AB - Ou o senhor chegou com ela pronta?

JJ - Já cheguei com a coleção pronta, montada...

AB - Isso.

JJ - Pelo Orlando Vicente Ferreira...

AB - Certo.

JJ - No segundo andar do Castelo...

AB - Então vamos começar... isso, eu sei...

JJ - E aí, trabalhei com ela, com o Costa Lima, com o Hugo de Souza Lopes, nessa grande coleção e me deram como responsabilidade que eu fosse o curador de uma fatia da coleção, como era um assunto tão grande, com tantas ordens de inseto, tal, cada pesquisador teria que ser o curador de uma fatia da coleção. E eu fiquei lá, responsável por quatro ou cinco grupos de inseto e uma vez lá por ano o dr. Hugo perguntava para mim se eu precisava de alguma coisa, se tinha alguma coisa para fazer, e tal, mas estava bem preservada...

AB - E era com os insetos que o senhor trabalhava?

JJ - Uma parte, das cinco que me deram, uma parte era o que eu trabalhava. E aquilo foi andando bem até que em 1970, quando o Rocha Lagoa cassou todos os pesquisadores e resolveu transferir a coleção do castelo, do segundo andar, para o hospital no térreo...

AB - No subsolo.

JJ - No subsolo e para o primeiro andar do Castelo. Então a coleção ocupou 80% daquele hospital. Foi feita de uma maneira atabalhoada e se perdeu muito material. E o Orlando é o responsável pela existência ainda da Coleção, porque senão tinha sido muito mais destruída. O Orlando com que eu comecei a brigar logo com o Rocha Lagoa e com o diretor e o Orlando resolveu, talvez pela idade, pela sabedoria dele que não era bom, porque eu dizia que não ia mudar. Então lá o Rocha Lagoa e o diretor, esqueci o nome dele agora, disse “Eu vou mudar de qualquer maneira ou você vai por bem ou vai por mal”.

MR - Era o Gilberto?

JJ - Não, era... o Gilberto era...

AB - Era um amigo desse diretor.

JJ - O Gilberto é...

AB - Esqueci o nome dele.

JJ - Era um virologista.

AB - Esqueci o nome dele.

JJ - O homem dizia que tinha quinhentos trabalhos publicados, eu não entendia nada. Tinha até uma passagem interessante, que todo mundo foi cassado, e eu vinha aqui sozinho e um dia esse diretor me chamou, eu tenho que me lembrar o nome dele, Sebastião vai me ajudar, e ele me deu uma caixa cheia de insetos quebrados, dizendo para mim classificar aquilo, eu disse “Oh, eu não sei classificar isso, tem mosca...” Ah! porque era material que a FAB, num avião que veio da África, então, pulverizaram o avião, detetizaram o avião antes de abrir as portas... Para matar os insetos, que podia vir insetos

com viroses, tal. E aí a FAB mandava isso sempre para o pesquisador do Instituto dizer o que tinha dentro do avião. E aí ele me deu aquela caixa para eu determinar, eu olhei para aquilo, tal e disse: “Não entendo nada disso” e aí eu disse para ele: “Olha, ah! dr. Lacorte...

AB/MR - Lacorte.

JJ - Isso. Aí eu disse: “Olha, dr. Lacorte infelizmente eu não vou poder identificar, porque mosca eu não entendo nada, mosquito eu não entendo nada, para determinar que espécie é, se isso é vetor ou não”, ele disse: “Não, você faça isso de qualquer maneira”, eu disse: “Não, o senhor está enganado, eu não sei fazer isso de qualquer maneira”, “Ah, eu preciso dar uma resposta lá para FAB”, eu disse: “Não, eu não vou fazer”, aí ele disse: “Ah, então eu vou fazer de qualquer maneira e vou mandar”, eu disse: “O senhor assinando, o senhor pode fazer o que bem entender”, fui me embora, depois do assunto nunca mais ele me mandou, o material continuava chegando, porque os pesquisadores tinham sido cassados, o Hugo, o Herman e o...

MR - Quem fazia...

JJ - Não, o Hugo e o Sebastião faziam...

MR - É...

JJ - Então para ele era fazer de qualquer maneira para dar uma resposta.

MR - E ele fez isso?

JJ - Não sei.

MR - Você sabe o que aconteceu...

JJ - Não sei.

MR - Não sabe.

AB - Mas aí então, quer dizer, ficou a coleção por um tempo lá no hospital.

JJ - Não, por um tempo, não. Ficou acho que uns seis anos...

AB - Seis anos no hospital.

JJ - No hospital e só o que fazia com ela era botar desinfetante para preservar, que lá o ambiente não era adequado para manter uma coleção, janelas fechadas, era...

MR - Úmido, não é, José?

JJ - É. Ah! Ela estava lá...

MR - É, eu me lembro.

AB - Era úmido...

JJ - Então aí a gente manteve a coleção até que o Vinícius entrou e disse: “Eu vou mudar de novo a coleção para o Castelo”, aí eu queria voltar com a coleção, porque eu era o responsável, só tinha eu e o Orlando. E ele disse que não, que eu ia vir para cá, porque esse ia ser um prédio dedicado à doença de Chagas e eu seria responsável pelo Programa de Controle dos Vetores da Doença de Chagas.

AB - Mas nesse momento que o Vinícius entrou o professor Orlando estava afastado?

JJ - Não, ele ...

AB - Tinham dado um...

JJ - Não, não...

AB - Cartão amarelo para ele.

JJ - Não, isso foi o próprio Vinícius, por ordem do Gilberto...

AB - Que chamou...

JJ - Não, o Gilberto mandou demitir o Orlando.

AB - Isso.

JJ - Mandou fazer uma limpeza. Ah! mandou me demitir também... Mas só que disseram, o Vinícius devia de ouvir mais pessoas, disse assim “Vai demitir ele e aí a parte de vetores não tem”. Como o Orlando já tinha anos para poder se aposentar...

AB - Deram uma compulsória nele.

JJ - Mandaram ele para casa. Então, na primeira reunião que houve com o Vinícius, que eu fui chamado, eu disse a ele: “Se o senhor está querendo manter a Instituição, está querendo fazer a Instituição crescer, o senhor não pode tirar as pessoas que trabalham”, aí eu contei para ele a história do Orlando e ele no dia seguinte contratou o Orlando Vicente Ferreira. Então eu contratei o Orlando e o mesmo cuidou da coleção, até poucos anos atrás botando inseticida, desinfetante, que também não podia fazer nada, como o dr. Sebastião, sozinho não pode fazer nada, tem que botar lá vinte pessoas para trabalhar, e lá ainda tem o agravante que ele briga com a dra. Jane, então ele não faz, a Jane não faz, a Jane não faz porque ele não faz, ele não faz porque a Jane não faz...

AB - Aí ficou (TI).

JJ - A briga lá, e agora aquelas duas meninas que cuidavam da coleção não trabalham mais com o Sebastião, então aquilo lá é o caos, a coleção, eu estou pedindo, deixei até a Maria Luiza saiu daqui levando um ofício que roubaram o livro de registro da coleção...

AB - Pára com isso!!

JJ - Aí eu disse para a Maria Luiza “Oh, se o Sebastião não assinar o livro, esse ofício, eu vou fazer”. Então, você vê que ainda continua ruim a situação no departamento...

AB - Ah, meu Deus! O livro de registro é a base das...

JJ - Tinha cinqüenta anos esse livro...

AB - Do que é a coleção...

JJ - Mais ou menos uns cinqüenta anos ele...

MR - Não vai aparecer, não?

JJ - Não vai, não...

MR - Você acha que não?

JJ - Quem pegou fez de sacanagem para o Sebastião.

MR - Eu sei disso, mas é...

JJ - Eu acho que não vai mais aparecer.

MR - Acha que não?

JJ - Eu acho que não vai aparecer.

AB - Já que o sr. falou do Vinícius, o que o sr. sentiu enquanto... pesquisador, que viveu essa Instituição antes de Rocha Lagoa, bem antes de Rocha Lagoa, e viveu depois. O que foi o Vinícius?

JJ - É...

AB - Um gestor, um administrador...

JJ - Foi o quê?

AB - Um gestor, um administrador, um cara que tinha uma visão de reengenharia, de...

JJ - Não, é, talvez seja isso...

AB - Qual era a visão dele?

JJ - Como Vinícius não entendia nada disso daqui, ele foi colocado aqui pelo Ministro Reis Veloso, que era parente dele... E tinha dinheiro e tinha poder, era CLT, então ele

tentou transformar isso numa instituição como ele tinha idéia, um economista, tinha idéia de primeiro mundo. E a primeira coisa que ele fez, burro ele não era, ele era muito inteligente, elevou nosso salário em sete vezes, então imagina você ganhava cem, passou a ganhar setecentos, e com isso começou a dar alegria para as pessoas e começou a atrair a atenção de pessoas querendo vir a trabalhar aqui. E trouxe um parente dele que cuida de cólera, que é o, está trabalhando aí na Bacteriologia até hoje, para tentar, que já que essa pessoa trabalhava para a OMS na África com cólera, para tentar ser o intermediário entre ele que tinha a visão geral de fazer instituição crescer, com uma pessoa que entendia de pesquisa para tentar fazer uma ponte...

AB - Mas ele ouvia vocês?

JJ - Ouvia.

AB - Mesmo?

JJ - Ouvia. Mas de vez em quando, como todo mundo dava palpite, de vez em quando tinha conflito, mas eu acho que durante o período dele foi bom, a instituição cresceu...

AB - Deu uma crescida...

JJ - Deu uma crescida...

AB - Movimentou...

JJ - Movimentou...

AB - Na parte de estrutura também?

JJ - Tudo, tudo que você pensar.

MR - O Orlando Guerra ficou também em uma época com ele, não foi?

JJ - É, depois esse assessor do Vinícius que era o parente que convidou o Orlando, ele foi se queimando à medida do tempo, então ele chamou o Orlando para o mesmo assessorá-lo, mas o Orlando acho que se desiludiu...

AB - Orlando Guerra?

JJ - É, o Orlando Guerra, se desiludiu porque as informações que o Orlando levava, ou diziam que iam ser viabilizadas, não se concretizavam e o Orlando foi começando a perder credibilidade entre os pesquisadores, já que as pessoas diziam e o Orlando dizia que ia fazer aquilo, mas não dependia dele, ele chegava lá, nada do que ele disse ou prometeu ou tentou deu certo, aí o Orlando percebeu que entrou em uma canoa furada e caiu fora.

MR - Caiu fora.

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

MR - Dr. José continuando nas coleções, aí, que a Bela tinha começado, por exemplo, a sua coleção tem um número geral, ela entra no catálogo geral da Coleção Entomológica, ela tem um registro à parte....

JJ - Não, nunca...

MR - Era isso que eu queria que...

JJ - Nunca foi feito isso... De ter um número geral na coleção geral.

MR - Ah, está.

JJ - Então o Costa Lima...

MR - Não existe...

JJ - Existem coleções trabalhadas com a sua numeração.

MR - Própria?

JJ - Própria...

MR - Numeração própria...

JJ - A minha coleção tem uma numeração...

MR - Está...

JJ - A do Costa Lima tinha outra, tal. Mas nunca...

MR - a Zikan tem um número, cada um tem à parte.

JJ - Isso. Mas num total só do material estudado, porque tem um milhão e duzentos mil exemplares, deve ter...

MR - E aquilo não está registrado, nem deu entrada, quando entrou, absolutamente nada?

JJ - Não, só que cada bicho leva um rótulo...

MR - É.

JJ - Então tem lá a idéia, a data de quando aquilo foi coletado, tem o registro de quando a coleção foi comprada, tal, mas não existe um cadastro...

MR - Um inventário, nada...

JJ - Nunca ninguém teve coragem de fazer, nem dinheiro, nem capacidade...

AB - Porque aí é a capacidade de recursos humanos...

JJ - E técnica...

AB - Recursos materiais...

JJ – É, a outra que se propôs a fazer isso e nunca fez, disse que ia informatizar a coleção, também nunca fez, que é impossível, só podem informatizar a coleção quem entende daquele assunto, porque ele não sabe dizer que nome ele vai dar para aquele bicho, tem que ser o especialista de coleópteros que vai dizer família tal, porque lá está lá, uma gaveta cheia de coleópteros, como é que você vai botar, informatizar...

MR - Ela não está arrumada, organizada por fichário, por isso que o Werneck foi logo e fez...

JJ - É, porque...

MR - Porque feito...

JJ – É, então se quiser fazer de barbeiro, está feita...

MR - Hum.

JJ - Se quiser fazer de mosquito, o Ricardo é um cara organizado, está feito. Então coleções trabalhadas podem ser feitas, geral teria que ir contratando um projeto de uma vida de quarenta, cinquenta anos.

MR - É... é...

AB - Longo prazo.

JJ - De longo prazo, à medida que cada pesquisador viesse trabalhar naquele grupo, ele teria como uma tarefa...

AB - Deixar alguma coisa pronta.

JJ - Pronta de coleção para ela poder ser registrada...

MR - José, deixa eu te perguntar mais uma coisa, essa coleção geral, foi essa coleção que o Costa Lima usou para fazer aquele material, o livro dele...

JJ - Não, uma parte, a outra está na Rural. O que o Costa Lima fez esse trabalho com a coleção da Rural, uma parte daqui...

MR - Daqui, não é...

JJ - E essa grande coleção que existe o Instituto comprou de um homem que vivia em Itatiaia, e ao morrer a família vendeu...

MR - É o Zikan.

JJ - Então aí essa...

AB - Qual é o nome dele?

JJ - Zikan.

AB - Zikan.

JJ - Eu não sei o primeiro nome dele, então essa coleção infelizmente está muito mal tratada e abandonada.

MR - Esse livro de registro agora que...

JJ - Que está desaparecido.

MR - Que está desaparecido, ele continha o que basicamente?

JJ - Todo o material que foi durante toda existência dessa, não é, de toda coleção, uns quarenta, cinquenta anos atrás...

MR - Material adquirido que...

JJ - Material que está emprestado e que é devolvido...

AB - Ah!!

JJ - Então o livro de registros...

MR - O livro de registros é saída e entrada.

JJ - Saída e entrada de material...

MR - Está.

JJ - Então se perder o livro não tem como recuperar...

MR - Você não sabe o que emprestou, é...

JJ - O que foi emprestado.

MR - Está, entendi...

AB - Meu Deus do céu! Foi pior do que a mudança para o hospital.

JJ - Não, igual.

AB - Igual.

JJ - Tem graduações, mas foi igual.

AB - É igual.

JJ - Porque tem trabalho, sabe o que é quinta coluna, né, então dentro do departamento tem várias pessoas que farão uma coisa para prejudicar o trabalho do outro, né, não precisa fazer um trabalho grande não, descarrila o trem um dia...

MR - Isso.

JJ - Destroí lá bomba água, falta luz...

AB - Vai minando, não é.

JJ - Vai minando, aquilo de deixar as duas garotas lá, porque se ela tirar um exemplar no local aquilo e botar na outra gaveta nunca mais vai ser encontrado...

AB - Ninguém acha.

JJ - As garotas estão brigando com o Sebastião, então, para perturbar o trabalho dele basta fazer isso...

AB - Já consegui, o estrago é grande.

JJ - É. Falei com o dr. Coura, fui lá e disse pessoalmente que ele tinha que tirar essas garotas de lá, não é, demitir, mas não podia mais trabalhar lá, ele não fez nada, então isso vai continuar acontecendo.

AB - Internamente no próprio IOC não tem muito apoio às coleções, o que o senhor sente, da direção do IOC, dos responsáveis pelo Instituto...

JJ - Não...

AB - Às coleções. O que o senhor sente disso?

JJ - Não tem apoio.

AB - Tem reconhecimento, tem valorização...

JJ - Não..., reconhecimento é o dia a dia, quando a gente vai lá e solicita, eles às vezes fazem, às vezes não fazem...

AB - Mas reconhecimento político...

JJ - Não tem...

AB - De força...

JJ - Não tem.

MR - Eu acho que eles não têm noção, José, da importância da coleção...

JJ - Tem noção, sim. O dr. Coura, o dr. Lobato...

MR - Não o Lobato... é...

JJ - Então, o Lobato mandou doar, mandou dar a coleção.

AB - Como é que foi essa história do dr. Lobato com a Coleção Entomológica?

JJ - O Lobato chegou aqui no Instituto Oswaldo Cruz, o Vinícius...

AB - Deixa só eu dar uma viradinha...

JJ - O Vinícius precisava de um vice-presidente de Pesquisa, e pediu o CNPq que indicasse alguém e o Lobato vivia lá em Brasília, devia ter um trânsito no CNPq e o CNPq indicou o Lobato para ser o vice-presidente de Pesquisa do Vinícius. Então o Lobato reuniu os pesquisadores e disse o seguinte, logo numa das primeiras reuniões, “Que tinha passado um decreto, de que o Instituto Oswaldo Cruz era um órgão vinculado à saúde, então que todas as pesquisas a partir dele agora vice-presidente de pesquisa teriam que ser direcionadas ou voltadas para saúde” ...

AB - Não causa impacto.

JJ - É, não podia fazer outra coisa que não fosse voltada para saúde, e que todo mundo tinha que parar de trabalhar com o que estava fazendo. Então no meu caso, eu estudava barbeiro, fazia isso que eu faço hoje e ele disse: “Não, a partir de agora o senhor vai para o campo, vai largar tudo que o senhor está fazendo e vai para o campo”.

MR - O Lobato?

JJ - É. Aí vou dizer depois o que eu disse. Para Dyrce, ele mandou abandonar a craca, para dra. Monika Barth, ele mandou abandonar pólen e dra. Anna Kohn, ele mandou abandonar helmintos de peixe, e assim sucessivamente, eu não posso me lembrar de todos. Então um dia eu cheguei para ele e disse “Oh, dr. Lobato, eu estou trabalhando com essa morfologia, taxonomia de barbeiro e não gostaria de largar isso, se o senhor achar que eu devo que ir ao campo eu até vou, mas como eu tenho um projeto e ganho dinheiro do CNPq para fazer isso que eu estou fazendo, eu gostaria que o senhor me desse uma carta, fizesse uma carta dizendo que isso o senhor está me dizendo de boca”. Ele nunca fez isso e eu a partir daquele primeiro momento que ele entrou eu virei jurado de morte dele, ele fez tudo para me destruir, durante, enquanto ele foi vice-presidente de

pesquisa. E eu nunca fui para o campo, e continuei fazendo o que eu estava, mas eu paguei um preço caro, houve um dia, ele fazia tudo para me derrubar, vou contar um fato interessante, eu ia para um Congresso de Doença de Chagas em Caxambu, fazer uma palestra, recebi um convite, acho que está aqui nesta pasta... E ele chegou, ah! e para ir, sair do Instituto ele queria que você fizesse um ofício para ele dizendo que ia sair, para aonde é que ia, então eu escrevi para ele pedindo autorização para eu me ausentar quatro dias, para ir ao Congresso de Doença de Chagas em Caxambu, para apresentar o trabalho. Aí recebi um papelzinho dele “Traga o trabalho que eu quero ver”, aí que levei o trabalho para ele que era o trabalho que eu estava fazendo, que eu ia fazer uma palestra... “Esse trabalho não estava concluído, então você está proibido de apresentar o trabalho”, aí eu disse “Está bem”, ele escreveu isso para mim, para ir esse congresso você está proibido de apresentar esse trabalho. Então, chegou no dia eu me mandei para Caxambu, levei a carta dele para o presidente do congresso e disse: “Oh, infelizmente eu vim, agradeço a vocês que pagaram a minha diária, tudo isso, eu posso até reembolsar vocês, eu quero assistir à reunião, mas não vou apresentar o trabalho porque o dr. Lobato me proibiu”. Ele disse: “Como proibiu?”, eu estava lá com a carta, dei a carta para o cara, a xerox da carta dele para o cara...

AB - Queimou.

JJ - E aí..., está bem.

Fita 3 - Lado B

JJ - Dois dias depois me aparece o Lobato em Caxambu. Minha apresentação ia ser no dia seguinte, aí o presidente...

MR - Ele apareceu para ver, é?

JJ - É. Foi lá para reunião, e ele faz Malacologia...

MR - É...

JJ - Mas era vice-presidente de Pesquisa, quem é que não quer passar quatro dias em Caxambu, no hotel Glória...

AB - Com tudo pago...

JJ - Aí, chegou lá... devem ter dito para ele: “Olha, aconteceu um fato grave, o pesquisador de lá está dizendo que você proibiu ele de apresentar”, aí... terminado o jantar, ele disse: “Quero falar com você”, isso assim numa sala todo mundo junto, e disse, me chamou num canto... não vou falar os palavrões que eu disse para ele, disse assim “Estão dizendo aí que eu proibi você de apresentar o trabalho e por isso você não vai apresentar, que história é essa de usar o meu nome?”, eu disse: “Mas o senhor proibiu, mesmo”, ele disse assim: “Então...”, aí isso já começou...

AB - A voz elevar.

JJ – É, que eu não consigo me controlar. Já fui aos berros e aí ele botou o dedo e disse assim: “Quando chegar no Rio o senhor vai me pagar por isso”, aí pô eu disse tudo quanto era palavrão aos berros, eu não vou dizer os palavrões senão você vai ficar chocada, e fui chamar o presidente do congresso, e disse assim: “Walter, cadê a carta”, ele disse: “Está lá no quarto”, ele foi lá, trouxe a carta e eu dei, “Aqui está a carta que o senhor me deu.” Chegou no Rio eu penei para burro na mão dele, mas sobrevivi e ele caiu, porque ele não fez isso só comigo, ele devia fazer isso com vários pesquisadores, em várias áreas e em todos os níveis, porque todo mundo, até que um dia, ele..., o Vinícius demitiu ele, ele criava tanto problema para o Vinícius... Ah! ele queria demitir vinte e cinco, eu não me lembro qual foi o último ato dele que... ele... o Vinícius fez o concurso... um pouco antes dele entrar, porque tinha muito estagiário, para contratar os estagiários e mandou contratar alguns, aí ele quis demitir, e aí criou um problema grave, foram para o jornal, foram para rádio e tal, dizendo que estava havendo uma nova cassação. E aí o Vinícius viu que estava trazendo problemas para a Instituição e demitiu ele.

AB - Não eram nem os estagiários, eram pessoas que tinham aquela verba das instituições de pesquisa, não era?

JJ - Não me lembro...

AB - Financiado pela FINEP, pela coisa...

JJ - Não, tinha tudo envolvido...

AB - Tinha de tudo.

JJ - Tinha de tudo envolvido...

AB - Eu lembro que foi feio, foram na imprensa dizendo “Nova cassação” ...

JJ - Isso, isso. E aí o Vinícius cassou ele.

AB - Tirou ele do cargo de vice...

JJ - Presidente...

AB - Presidente, e deixou ele como pesquisador.

JJ - Ele está lá morando naquela casa de graça até hoje, fez uma grande jogada...

AB - E com relação à coleção, como é que foi a história...

JJ - Bom, aí...

AB - Com a Coleção Entomológica...

JJ - Ele disse para mim: “José, essa coleção não tem mais sentido no Instituto Oswaldo Cruz, porque lá tem borboleta, tem besouro, tem isso, aqui só vai ter inseto de interesse médico, então eu vou providenciar a doação”, aí eu disse que não aceitava aquilo...

MR - Depois de Caxambu isso...

JJ - Depois de Caxambu. Aí eu disse que “Não, que não aceitava aquilo e que eu não ia... que eu ia tentar defender ela”, e aí fui procurar o José Cândido, várias pessoas que estavam no Fundão, tal, e aí disseram: “Não, de maneira nenhuma...”, o José Cândido é que foi o principal defensor, disse: “Não, de maneira nenhuma, eu vou alertar todo mundo para não aceitar essa doação, que isso é um desvio do patrimônio e tal”, e aí a coleção ficou aqui.

AB - É, verdade ...

JJ - Então essa é a figura do Lobato...

AB - Hum, hum. E esse é um... assim, pensando na história da Coleção Entomológica dentro da Instituição...

JJ - Então...

AB - Um momento de grande...

JJ - Complicação...

AB - Complicação no Instituto, falta de apoio...

JJ - Dr. Francisco de Paula Rocha Lagoa e dr. Lobato Paraense, ainda pode aparecer o Deane também que queria dizer que isso era... ah! o Deane disse para mim que não tinha, o Deane era da mesma cabeça do Lobato, “Que para que José, você luta para ter essa coleção aqui, desgaste, gasta dinheiro, a gente tem que se desfazer dela, aquilo lá é um depósito...”

AB - Meu Deus!!

JJ - Eu disse: “É, de fato o senhor tem razão, aquilo lá é um depósito, por pessoas como o senhor que não dão valor que aquilo tem, que vira isso que está aí, esse descrédito”, tanto é que o Gadelha disse para mim: “Oh, eu vou tirar a coleção de lá e vou colocar aqui, porque não vale a pena ficar ocupando salas tão nobres com aquilo, vou botar aqui nesse pavilhão aqui”, nesse pavilhão daqui.

MR - (TI)

JJ - Isso. Aí eu disse: “Oh, Gadelha, só passando por cima do meu cadáver, enquanto eu estiver vivo e trabalhando, você não vai fazer isso”, briguei com o Gadelha, durante uns dois, três anos, eu não falei com ele, e a coleção ficou lá, e a coisa continuou e se ocupou isso daqui com a diretoria.

AB - Mas o senhor acredita que a falta de reconhecimento político e institucional às coleções facilita que as pessoas ignorem o papel dela?

JJ - Não, não, todo mundo sabe o papel dela, mas só que não dá *status*, não dá, só dá *status* para ser curador da coleção, que isso permite o cara ter um assento no departamento...

AB - Certo...

JJ - Ter assento, viajar, tal...

MR - Representante da coleção...

JJ - Instituição, tudo isso é fantástico. Mas trabalhar por ela...

AB - Mas por exemplo, uma pessoa diz que chegasse e falasse. Ah! Essa coleção podia ficar..." não estou nem defendendo o Gadelha em pessoa não, mas outra pessoa...

JJ - Está bem...

AB - Um pesquisador que achasse que num determinado momento merecesse usar aquelas salas com outra coisa, então vamos pegar e colocar essa coleção no Pavilhão 26, na ala X...

JJ - Sei, o que tem?

AB - Essa pessoa poderia estar fazendo isso por desconhecimento do papel das coleções...

JJ - Não, não...

AB - Porque ela é pouco divulgada aqui dentro ou ela já foi sabendo...

JJ - Tudo...

AB - Do que ela estava...

JJ - Todo mundo sabe o valor da coleção...

AB - Há uma cultura geral.

JJ - Há uma cultural geral, mas ninguém está ligando para ela.

AB - Passasse por cima disso.

JJ - Passasse por cima disso.

AB - Então ser curador de uma coleção dessa...

JJ - Dá *status*...

AB – É ter um papel político...

JJ – É, precisa ter um papel político para saber defendê-la...

AB - Para lutar...

JJ - Para lutar por ela, infelizmente o Sebastião não é a pessoa adequada, ele é culto, ele é competente, ele é inteligente, talvez a idade, talvez o desgaste...

AB - Que ele já sofreu, o cansaço...

JJ – É, para ele deixar de trabalhar no que ele gosta, mas não é enfrentar a Jane, não é enfrentar...

AB - O próprio Coura...

JJ - O dr. Coura, não é enfrentar o dr. Elói que vai dizer: “Ah, Sebastião, não tenho como contratar”. Ter tem, se quiser contratar a pessoa para botar lá...

AB - Contrata...

JJ - Contrata, então, ele não tem mais o elã, para ir lutar, ele quer formar gente, quer fazer o grupo dele, ...

AB - E com as outras coleções o sr. tem notícias, a Coleção Helmintológica, da Helminologia?

JJ - Não, lá tem um pessoal que está cuidando bem dela, lá tem uma pessoa que está cuidando bem...

AB - Consegue ter esse papel...

JJ - Não tem o volume que isso tem, esse volume...

AB - Essa é uma das maiores...

JJ - É a maior...

MR - É a maior.

JJ - É a maior, talvez, umas das maiores do Brasil, não conheço as outras, mas deve ser uma das maiores do Brasil.

MR - E não está estudada, José.

JJ - Não está estudada...

MR - Isso é que é um pecado, um material desses não está estudado.

JJ - Claro a filosofia do Lobato disse que só tem que estudar coisa médica...

AB - Seria uma Entomologia puramente médica...

JJ - Então é fácil, eu não contratei o dr. Carcavallo, vai no Museu contrata o Monet, e diz assim “Monet, vamos te pagar quatro mil reais por mês...”

MR - Para você organizar...

JJ - Para organizar os coleópteros...

MR - Coleópteros..., é...

JJ - E traga a dra. Janira para estudar os odonatas...

MR - É.

JJ - Dá isso que eles vão vir para cá...

MR - É um período, ...

JJ - É só chegar lá no Paraná, no Rio Grande do Sul, tem uma porção de gente que entende de determinados assuntos...

MR -É.

JJ - Quanto tempo demora para estudar isso, dois anos, está bem em dois anos nós pagamos para você vai lá e trabalha, então...

MR - É, organizar... é...

JJ - Mas isso vai durar uma vida, à medida que for, mas não é o Sebastião, infelizmente...

AB - Só para eu fechar essa coisa das coleções, esse membro da Câmara Técnica, esse movimento que o senhor participou em 1997...

JJ - Não, ainda está funcionando, ainda...

AB - Centro de Referência e de Institucionalização das Coleções do Instituto Oswaldo Cruz...

JJ - Então...

MR - O que é isso, José? O que é esse grupo...

JJ - O Instituto Oswaldo Cruz, no decorrer da sua vida criou centros de excelência, então, por exemplo, esse laboratório é um Centro de Referência para o Ministério da Saúde, para taxonomia de triatomíneos, e assim tem cinco ou seis centros de referências, para cólera, eu não sei quais são todos...

AB - O seu aqui é um laboratório internacional?

JJ - É. Que o Ministério da Saúde criou isso, então esses centros de referência, o Instituto pouco ligava para ele, se existe, se não existe, não dava apoio, não dava nada. Então o dr. Coura resolveu tentar entender como é que se funciona, e diz ele que vai dar um apoio institucional para manter isso, porque isso dá um *status*. Existe uma idéia de fazer do Instituto Oswaldo Cruz o que é o CDC em Atlanta, que é o centro principal de doenças infecciosas, viroses no Estados Unidos, é um centro de referência para o mundo inteiro. Se aparecer vinte mortos no meio da África, eles mandam uma equipe lá para saber de que as pessoas estão morrendo. Então aqui no Brasil quisesse fazer isso, então aí criou essa Câmara Técnica para tentar reunir os Centros de Referência, aí no meio de uma reunião eu pedi à dra. Martha para incluir as coleções, então foi chamada a dra. Dely, o Sebastião e mais a moça que trabalha com...

AB - O Lobato...

JJ - Com fungos. Não, não...

MR - Maria Ignez...

AB - Maria Ignez Sarquiz, que ficou no lugar da dra. Pedrina.

JJ - Isso. Então aí é o Centro de Referência, tem o Herman...

MR - É o Sebastião que está na nossa comissão não, é você...

JJ - Eu e o Sebastião.

MR - Porque nós vamos ter uma reunião com o dr. Coura e que a Dely vai ficar no lugar do Henry...

JJ - De quem?

AB - A Dely Noronha, ela faz parte do nosso projeto Memórias das Coleções Científicas...

JJ - Ah, está, é porque o Henry é um desastre, pelo menos em relação à Coleção Entomológica é um desastre, a gente outro dia teve uma reunião, eu vou, eu estou fugindo do principal, depois eu falo do Henry, aonde é que eu estava?

AB - Falando sobre a Câmara Técnica...

JJ - Ah, está...

AB - Que o senhor incluiu as coleções...

JJ - Isso, agora...

AB - Que a Câmara Técnica é Centro de Referência e de Coleções Científicas...

JJ - Está bem. Então agora, nessas reuniões o meu laboratório foi o primeiro a ser avaliado...

AB - São o quê, semestrais?

JJ - Não, não, dra. Martha chama a gente quando...

AB - Para marcar...

JJ - Tem algum assunto. Então na última reunião... foi para julgar meu pedido para a FNS continuar dando apoio financeiro para o laboratório.

AB - Isso.

JJ - Então o projeto foi distribuído a todos os membros, todo mundo leu, fez pergunta e aprovou, que foi para Brasília.

AB - Certo.

MR - Deixa eu te perguntar uma pergunta bem básica, esse centro de referência que você é centro de referência...

JJ - Isso.

MR - Dos triatomíneos, o que você tem aqui, você tem representantes de todos os lugares?

JJ - Não, eu tenho... o que é importante...

MR - É.

JJ - Ter gente trabalhando em vários assuntos, ter uma boa bibliografia que seja acessível identificar as espécies... ter uma coleção de barbeiros que...

MR - Mas essa coleção ela tem que ser representativa, não é?

JJ - Então...

MR - É.

JJ - Eu tenho vinte e quatro mil exemplares de barbeiros, não existe no mundo uma coleção de barbeiro como essa...

MR - Com exemplares do mundo inteiro... não...

JJ – Ah.

MR - Basicamente da América...

JJ - De todo mundo, tudo, tudo, o que mais, tem uma criação de barbeiros que possa fornecer, então tem uma estrutura...

MR - Estrutura...

JJ - Que possa dar resposta a determinados assuntos.

MR - Demandas...você recebe bastante...

JJ - Recebo barbeiro, viajo, dou aula, dou curso, pessoal de fora vem pra cá.

MR - Consultas também...

JJ - Consultas...

MR - Você também dá consultoria, essas coisas...

JJ - Então o Centro de Referência é para fazer isso. Mas, agora pode acabar mês que vem, acabou meu convênio, vai acabar...

AB - Com o BIRD...

JJ - Em setembro. Com o quê?

AB - Com o BIRD? Porque o BIRD também tem...

JJ - Não, com o BIRD acabou primeiro...

AB - Já acabou...

JJ - Acabou, agora só com FNS, se o FNS não repassar dinheiro, sete pessoas estão no olho da rua.

AB - Então esse segundo, esses segundos convênios que são de 1990 a 1996 e de 1997 a 1999, foi com a FNS?

JJ - Só com a FNS.

AB - Ah, está.

JJ - Que é o segundo só, agora é que nós estamos tentando renovar o terceiro.

AB - Certo.

JJ - Está ele aqui, para você ter uma idéia o Elói mandou isso a semana passada...

AB - Só isso aqui...

JJ - Querida, o dinheiro que levaram o ano passado, que o dinheiro veio para dois anos, o dinheiro que levaram ano passado, ainda não devolveram até agora, então quem está pagando o Centro de Referência é o dr. Coura, com o dinheiro do Instituto...

AB - Dra. Martha qual é o sobrenome dela?

JJ - Ah!!!

AB - Não, não precisa se preocupar não...

JJ - A pasta está aqui...

AB - Depois eu...

JJ - Proposta ...

AB - Só para eu fazer a transcrição ...

JJ - É, eu devo ter aqui, eu não sei... eu não sei o nome da Martha todo...

AB - Vou dar uma paradinha só para gente ver isso. Que

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

AB - Quer dizer que essa Câmara Técnica é do Instituto...

JJ - Do Instituto Oswaldo Cruz...

AB - E não da Fundação.

JJ - Não da Fundação.

AB - Será que no momento pensa-se isso, em ampliar?

JJ - Não tenho idéia...

AB - Não, não é?

JJ - Porque eu não participo mais de nenhuma dessas reuniões...

AB - Certo. Porque existem coleções em outros centros...

JJ - Existem.

AB - Da Fiocruz, por exemplo, o INCQS tem coleções...

JJ - Não, não devia de ter...

AB - Mas ela tem uma coleção de...

JJ – É, porque um pesquisador lá de fungo.

AB – É.

JJ – Então, mas o pesquisador saiu de lá e foi para a Biologia, então essa coleção, é porque... não sei se já foi para Biologia...

AB - Se já veio, não é?

MR - Não, está lá...

JJ - Está lá...

MR - Está lá no INCQS...

JJ - Qual o nome daquele rapaz, sabe quem é...

MR - Esqueci, eu peguei até o papel que tem o nome...

JJ - Existe a coleção, olha, a dra. Dyrce Lacombe...

AB - Ivandro o nome dele... Ivandro de Felipes...

MR - É Ivandro de Felipes, é isso mesmo...

JJ - Então não é ele...

MR - Tem uma do Ivandro de Felipes, mas é coisa pequena...

JJ - E tinha uma que trabalhou com o Pedro, que eu não sei como é o nome do rapaz...

MR - Com o Pedro Jurberg?

JJ - É.

AB - Aquele loirinho que trabalha com ele.

JJ - Não, um magrinho moreno, ele não trabalha direto com o Pedro, mas trabalha lá... a dra. Dyrce Lacombe o ano passado quis vender a coleção dela de craca para o Museu Americano, a Embaixada Americana mandou para cá um caixote, que aí ela disse: “Ah, isso não dá para minha coleção”, e aí ela devolveu o caixote para Embaixada Americana.

Ela queria dar ou vender, e a Embaixada Americana, por isso é que nesse Centro de Referência tem que chamar todas as pessoas aqui que tem coleção, porque eles vão dando...

MR - É.

AB - É.

JJ - Não está registrado.

AB - Nossa.

JJ - Você pode perguntar isso a Dyrce, o que ela pretende fazer com a coleção dela.

AB - Vou perguntar, pode deixar.

JJ - Porque ela viajou, ela usa o material, os líquidos, desinfetantes, móveis, trinta, quarenta anos e depois vende para um museu americano.

AB - Como é que o senhor pensa essa questão de coleções que são chamadas coleções particulares...

JJ - Não pode ter...

AB - E coleções institucionais...

JJ - Não pode ter...

AB - Na medida que está sendo feita dentro da instituição, que tem apoio para viagem...

JJ - O salário...

AB - Que tem apoio para manutenção e que tem salário...

JJ - Institucional...

AB - A coleção é institucional...

JJ - Senão é desvio de dinheiro...

MR - É fácil assim.

JJ - É.

MR - Você trabalha numa instituição faz uma coisa particular e depois vende....

JJ - E vai levando para casa... Agora vamos supor, eu trabalho aqui com barbeiro e se eu coleciono pedra preciosa, mineral, a coleção é minha, o instituto nunca deu nada, se eu

quando for coletar barbeiro, vou catar mineral lá e compro pedra preciosa a coleção é minha...

MR - Exato.

JJ - Mas se eu vou pegar barbeiro e tal, e deixo na minha casa, eu acho que está errado.

AB - Mas esse não é o pensamento comum não, não é?

JJ - Não, eu acho que não, não existe ética e não existe uma cultura de que isso é da instituição.

AB - É da instituição, está certo.

MR - Mas essas coleções todas que estão aqui no departamento, aqui nesse andar aqui...

JJ - Se o cara quiser leva para casa.

MR - Na Entomologia. Mas ela não está registrada como coleção, isso é que eu não entendo...

JJ - Não está registrada...

MR - Não... a sua está...

AB - E essa Câmara quer fazer isso, é o objetivo da Câmara Técnica fazer isso?

JJ - Olha, a dra. Martha está meio perdida ainda porque não tem dinheiro, não tem... , e a Martha apenas gerencia, então cabia ao Sebastião levar lá uma proposta para fazer isso, ele não levou para ela, ela não vai dar condições para ele fazer.

MR - Quer dizer que essa coleção do Anthony, do ...

JJ - Não está registrada...

MR - Não está! Ele tem o registro dele, mas não está registrada dentro da...

JJ - Pode colocar aquilo dentro de um carro, levar e ninguém vai saber...

MR - Marilza não, a Marilza também é a mesma coisa.

JJ - Todo mundo é assim.

MR - Todo mundo é assim...

JJ - Todo mundo é assim.

MR - Mas, você também...

JJ - Não, a minha não...

MR - Mas porque a sua é diferente?

JJ - Porque eu publiquei trabalho dizendo os tipos da coleção...

MR - E eles não fizeram?

JJ - Não fizeram. Porque eles não fazem isso, eles ...

MR - Eles trabalham com o quê?

JJ - Com Ecologia.

MR - Não trabalham com taxonomia, porque é que tem coleção aqui então.

JJ - É, porque para fazer taxonomia, para fazer a Ecologia com taxonomia tem que identificar...

MR - Então ele trabalha também com taxonomia.

JJ - Também.

AB - Mas na hora de publicar, publica pelo viés ecológico...

JJ - É.

MR - Às vezes não cita...

AB - Não precisa citar.

JJ - Não precisa citar. Então a gente publicou isso, eu dei para você o trabalho do Herman, "Os Tipos da Coleção Entomológica".

MR - Acho que você me deu, eu vou olhar lá...

AB - Eu não tenho...

JJ - Quer eu dou para você. Então esses tipos não podem, agora estão registrados, universalmente. Um cara na Alemanha disse "Puxa, eu queria saber como é o tipo de *triatoma infesta*, está depositado no Instituto Oswaldo Cruz, olha aqui a publicação.

MR - A Marilza faz a mesma coisa, porque ela trabalha com...

JJ - Mas não publicou, não publicou...

MR - Não publicaram...

JJ - Não, não...

MR - Não os tipos, mas o material que ela trabalha...

JJ - Eu sei...

MR - Foi depositado por aqui.

JJ - Não, disse que está depositado, mas não tem número, não tem nada, pode trocar o A por B ou C. eu não estou falando da Marilza, eu estou falando que tudo...

MR - Não, o sr. não está me entendendo...

JJ - Tudo é...

MR - Tudo isso, é...

JJ - Quem quiser ir lá roubar as borboletas mais bonitas rouba, porque não tem registro.

MR - A coleção do professor Sebastião também de maneira geral também não tem número?

JJ - Só os quiranomídeos dele, tem número que...

MR - O resto não tem?

JJ - O resto não tem.

MR - Eu não acredito.

JJ - Uma parte tem número, nós contratamos na época do dr. Herman, um sr. chamado Dario Mendes para tentar fazer isso... Então ele durante muitos anos fichou a coleção do Costa Lima e a coleção Zikan, então tem fichários imensos lá...

MR - É, eu já vi...

JJ - Que o Dario Mendes fez...

MR - E a gente não pode contratar uma pessoa para fazer isso...

JJ - Pode...

MR - Então porque não... não...

JJ - Porque precisa...

MR - Tem investimento e o Sebastião fazer um projeto e...

JJ - Isso, isso, pois é, basta ele fazer, ele não faz, não vai. Então como lá um está brigando com o outro.

MR - Mas a responsabilidade é dele porque ele é que é o curador ...

JJ - Ele é que é o curador da coleção.

MR - Oficialmente é ele...

JJ - Oficialmente, não e é ele o curador...

MR - Então é ele... é...

JJ - A outra se intitula curadora...

AB - Mas como são designados esses curadores, é cargo de confiança do diretor do Instituto?

JJ – É, até hoje não, isso não passou, como deve ser indicado um curador, eu acho que o curador é o indivíduo que entende do assunto, para isso ele tem que entender, se não entender não é nada. Então quando o Sebastião voltou da cassação eu disse ao dr. Deane que ele devia ser o curador da coleção, dr. Deane teve um papel, não vou falar de novo palavra, imagina que quando acabou a cassação o Arouca disse para mim: “José, vai lá e resolve o problema de tudo, tudo que eles quiserem você facilita, arruma, faz o que ele quiser”, então o dr. Hugo viria para trabalhar aqui, porque foi ele quem criou isso, e aí eu disse: “Dr. Deane, o dr. Hugo está voltando, o Herman não quis voltar, e o Hugo virá trabalhar aqui”, aí ele foi ao Coura e disse: “Eu não admito a vinda do Hugo de Souza Lopes, para trabalhar no Departamento de Entomologia”, e eu presente, e o Coura disse: “Mas, Deane o homem é o cara que mais entende de insetos no Brasil, como é que você quer...”, “Não, vai ficar uma duplicidade de poder, porque ele entende muito, vai questionar minhas atitudes, eu não quero ele lá”. Aí eu liguei de noite para o dr. Hugo e disse: “Oh, dr. Hugo, infelizmente lá para coleção o senhor não vai poder ir, o Deane barrou a sua vinda”, ele disse: “Ah, José, não tem problema não, eu vou trabalhar com o Pedro”, e aí foi lá para Biologia, a gente pegou as moscas que ainda tinha aqui que ele queria, levou para lá, e o Hugo lá na Biologia fez a Biologia crescer...

AB - Pedro é o seu irmão?

JJ - Pedro é o meu irmão. E ficou lá, entendeu o papel do Deane...

MR - Mas o dr. Deane não deixou que o Hugo...

AB - Mais um.

MR - Não deixou que o Hugo...

JJ - Não deixou...

MR - Por problema de competição...

JJ - O Herman Lent disse: “José, se eu for para lá eu vou brigar com ele no segundo dia, porque eu já sei do passado dele, ele vai me dar problema, eu prefiro não ir”.

MR - Ele veio para cá em que época?

JJ – É, dr. Coura quando foi vice-presidente, tinha aquele episódio que eu tive com o Mário Aragão, que ele disse: “Ah, não tem lá um líder, então vou trazer alguém de fora”
...

MR - Trouxe o Deane.

JJ - Aí convidou o Deane. Entendeu, dr. Deane, eu posso ir me lembrando de outras dele.

MR - A memória é uma caixinha de surpresas vai vindo, vem uma coisa e outra...

JJ - Era tão bonzinho o Deane, era tão competente, tão..., eu vou descobrir a pasta dele que está faltando...

AB - (Risos). Vamos falar um pouquinho sobre coleções de outros países, sobre museus de outros países, começa para mim contando como é que foi esse estágio no *British*...

JJ - É...

AB - Em 1992.

JJ - O estágio foi o seguinte, já existia essa ECLAT do qual eu faço parte, e aí o responsável pela ECLAT disse o seguinte: “José, no nosso projeto tinha viagens para ir para a Inglaterra trabalhar, você não quer ir?”, eu disse: “Ah! eu não sei o que eu vou fazer lá”, ele disse assim: “Ah, vai lá, eu tenho um projeto dentro do que você está fazendo, que é fazer filogenia dos barbeiros baseado nos trabalhos que você faz... Então você vai para lá uns dez dias, eu tenho um argentino trabalhando lá, ele vai colocar tudo que você tem num programa de computador e a gente vai tentar fazer uma filogenia de barbeiro”. Estou tentando me lembrar o nome do argentino...

MR - Quando foi isso, José?

JJ - Deixa ver se eu lembro, deve ter uns...

AB - Essa ida, em 1992.

JJ - 1992. Então aí ele me mandou ir para Inglaterra, levei os trabalhinhos que eu estava fazendo da genitália do barbeiro e fui lá, e no primeiro dia que eu cheguei, marcou uma reunião, eu o Scofield e esse argentino, vai aparecer o nome dele, não tem aí o nome?

AB - Talvez tenha na sua lista de trabalhos publicados...

JJ - É...

AB - O senhor publicou alguma coisa com ele?

JJ - Três anos depois ou quatro saiu um trabalho. Então aí chegou lá sentamos numa mesa e ele já o Scofield já tinha levado o trabalho para ele examinar e ele disse “José, você faz essa identificação do barbeiro com estrutura de genitália, usa só dez estruturas no seu trabalho”. Mas eu estou vendo que as estruturas...

AB - Girón?

JJ - Não, não, daqui a pouco vai ...

AB - Pode ir.

JJ - Mas eu estou vendo que a estrutura da genitália do barbeiro tem trinta estruturas, esse meu programa de computador precisa no mínimo vinte estruturas para tentar...

MR - Era o (TI) no programa...

JJ – Não, não, eu nem sei mexer em computador, nem sabia naquela época. “Então a gente precisava que você designe umas dez estruturas e aí eu boto isso no computador, isso vai criar uma árvore e tal”, aí eu olhei para ele e disse “Não, infelizmente eu não posso fazer aquelas estruturas, as outras vinte até hoje não teve significado para identificar barbeiro, então eu não posso fazer isso, então nada feito, filogenia de barbeiro não vai dar para fazer...

MR - Não vai dar para fazer...

JJ – “Então, nada feito”, “Então você está liberado”, aí, mas como eu já estava lá ele disse: “Eu estou fazendo um outro trabalho com três espécies de barbeiro, você não quer colaborar?”, eu disse: “Ah, está bem, eu estou aqui dez dias”. Então me deram uma sala, perguntaram o que eu precisava, a sala estava vazia e eu disse cada equipamento, e a marca e o modelo que eu queria, que ele disse: “Qual é o ideal para você trabalhar” e eu disse. Meia hora depois estavam todos os equipamentos na sala, sala montada, tudo perfeito e eu trabalhei dois dias de oito da manhã às cinco da tarde e acabei o trabalho. Aí no terceiro dia, cheguei para ele e disse: “Olha, o trabalho está aqui, tudo que eu precisava fazer daquilo que você pediu está aqui pronto”, ele disse: “Pô, então é fácil, você em dois dias acabou”, eu disse: “Não, dois dias não, trinta anos e dois dias” ...

MR - É. (Risos).

JJ - Para fazer isso. Aí eu não tinha mais nada para fazer, ele disse “Olha, você está liberado”, aí eu fui ver coleção, fui visitar o museu, tal, fiquei quinze dias na Inglaterra, fui passear, eles que pagaram tudo, não tinha mais, que eles não tinham o que eu fazer lá, porque tudo estava aqui...

MR - É.

JJ - Tudo que ele precisava estava aqui. E aí...

AB - Pode ser Antonio Martinez.

JJ - Não...

AB - Separei aqui de 1995 para frente...

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

JJ - “O José era tão bom se o seu laboratório ampliasse sua linha de trabalho, e a gente precisa de uma taxonomia bioquímica, então eu pago, o ECLAT paga um mês, estadia, diária, tudo, você não tem ninguém que você queira mandar”, então eu convidei essa Teresa Cristina, da qual eu falei um palavrão, perguntei “Teresa você não quer chefiar um laboratório de taxonomia bioquímica, abrir uma nova linha de trabalho?”, ela disse: “Ah! eu adoraria”. Então você se prepara, lê um pouco do assunto, porque disseram que vão começar do zero, você vai para o Museu Britânico, vai ficar um mês lá, vai aprender e depois a gente implanta isso aqui. Ela foi, ficou um mês, quando voltou, chegou aqui, disse que não gostou do assunto e que não queria mais trabalhar naquilo, e o Scofield me cobrava “José, como é, e agora?”, eu disse: “A mulher não quer mais trabalhar no assunto, porque ela agora quer ir para o campo coletar *tripanossoma cruzi* e barbeiro”, quer dizer, eu não consegui enxergar quem era a pessoa.

MR - Você mandou uma pessoa para ser preparada para uma coisa...

JJ - Ela foi...

MR - E perdeu a oportunidade...

JJ - Fez tudo, aprendeu...

MR - É.

JJ - Ela é inteligente, e chegou aqui...

MR - Ninguém trabalha aqui com isso.

JJ - Agora contratei aquele François Noireau e ele está lá no quinto andar, montando o laboratório de taxonomia bioquímica.

MR - Aí vocês trabalham em conjunto então, vão trabalhar em conjunto.

JJ - É, tudo se faz para o mesmo laboratório.

MR - Ótimo.

JJ - O laboratório tem dezenove pessoas ou vinte pessoas trabalhando.

MR - O laboratório teu de Triatomíneos.

JJ - É.

MR - Maravilha.

JJ - Isso não quer dizer que amanhã esse laboratório, esses laboratórios possam crescer e os caras queiram ver a sua independência... mas eu espero que não seja assim.

AB - Mesmo que queira independência, não queira independência de trabalho...

JJ - É.

AB - Porque talvez administrativa, eu acho que vincula é o trabalho?

JJ - É, não, eles são competentes...

AB - Se quer trabalhar o conjunto...

JJ - Mas eu gostaria de que esse... centro de referência só vive porque tem várias pessoas, de várias atividades, trabalhando por um mesmo fim.

AB - Como se fosse mesmo a idéia de rede?

JJ - Isso, isso. Se não amanhã vai tudo embora e eu estou roubado, começo tudo de novo.

AB - E falando de rede, falando de espaços científicos, as publicações, não vou nem falar das publicações suas não, porque eu vou anexar tudo isso na transcrição, mas as revistas que o senhor privilegiou ao longo da sua carreira, tem privilegiado...

JJ - São três revistas, ao longo de toda minha carreira publiquei em três revistas: *Revista Brasileira de Biologia*, nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e hoje em dia na revista que me puseram como editor, que é uma revista nova, então se eu acredito na revista...

MR - Você tem que investir....

JJ - Eu vou prestigiar com o meu trabalho...

MR - É verdade...

JJ - *Entomologia y Vectores*.

AB - Agora, por exemplo, é a questão de...

JJ - Ah, tem problemas graves...

AB - Publicar com diversos pesquisadores...

JJ - Tem problemas graves nessas publicações, de não sei quantos anos para cá, dez anos não sei o que, resolveram dizer que as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* tem que haver publicação em inglês, só pode publicar em inglês. E eu disse que não, que eu não quero publicar em inglês, primeiro que eu não escrevo em inglês correntemente, segundo que eu teria que pagar para alguém escrever, terceiro que quando o sujeito fizer a transcrição, talvez, não seja a idéia que eu queria dar em inglês, então eu como autor gostaria de escrever, como o assunto só atinge a América Latina, doença de Chagas só atinge a América Latina e eu estava me dando bem em português, vou dar. Então aí durante algum tempo as *Memórias* publicavam em inglês e eu publicava em português. Entrou o Dr. Moomen como o editor e disse que a partir daquele dia eu estava proibido de publicar nas *Memórias*, porque eu só escrevia em português. Então eu abri um processo contra ele, dizendo que eu queria que fosse ser válido o que a Constituição Brasileira me assegurava. Abri o processo, o processo foi julgado e o parecer dizia que eu tinha o direito de publicar em português, então eu sou um dos únicos que publica em português, nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*...

MR - E você manda e sai publicado...

JJ - E sai publicado em português.

AB - E o Moomen publica.

JJ - E o Moomen publica, mas eu abri um processo, o parecer dizia que eu tenho todo o direito de publicar em português.

AB - Me fala dessa revista de *Entomologia y Vectores*.

JJ - O Dr. Carcavallo que trabalha hoje conosco...

AB - É, que eu quero conhecer.

JJ - Que é um grande entusiasta e já, essa não é a primeira revista que ele cria, ele já tinha criado uma outra revista *Chagas*, mas eu acho que a situação na Argentina, é uma situação de poucos recursos financeiros na área científica. Até que um dia o Menem fechou num dia todos os institutos de pesquisa na Argentina, um decreto, fechou todos os institutos, transferiu todos os pesquisadores para as universidades. Então o Carcavallo, disse que se sentiu de um dia para o outro desamparado e como ele não queria voltar a dar aula na faculdade, ele pediu a aposentadoria e estava lá no Instituto ainda de Biometeorologia, e me convidou para ser um dos *referees*, da revista, tudo isso...

AB - Isso.

JJ - Está. Então eu fui ser *referee* e depois no quarto ou quinto ano ele disse “Ah, José, agora como eu venho trabalhar no Brasil, eu gostaria que você fosse o editor”, eu não queria fiz tudo para não aceitar e tal, aí o cara que ficou lá que é o Itamar Galindez, ele disse: “Oh, agora não tem mais jeito, o Itamar Galindez está voltando para Venezuela e

não tem mais quem seja o editor, tem que ser você ou a revista acaba”, então eu disse: “Está bem, então eu vou aceitar até a gente encontrar um outro”.

AB - Então está desde de quando, desde o ano passado?

JJ - Eu estou há um ano e meio.

AB - Está.

JJ - Não, eu acho que nem um ano e meio, está fazendo agora...

AB - E ela está conseguindo sair com que periodicidade?

JJ - Agora, a revista sempre saiu de dois em dois meses, sai um número. Então no início nós pagávamos do nosso bolso para editar a revista, que o número de assinantes era pequeno e a gente tinha que indexar e mandar pelo menos duzentos números para os principais museus e universidades do mundo.

AB - Que é o objetivo dela?

JJ - Que é o objetivo, e isso o Carcavallo tirava do bolso, tal, criava, aí quando ele chegou, eu disse “Carcavallo, eu não vou poder pagar isso, que você fazia eu não posso pagar”. Então começamos a procurar um patrocinador, então, eu fui pedir ao dr. Coura, se eu não podia editar a revista no Instituto Oswaldo Cruz, mas que nós pagaríamos grande parte, mas ele pagaria o correio.

MR - É, facilita.

JJ - O Coura disse que ficou de pensar e foi consultar algumas pessoas, então o dr. Moomen foi contra, dizendo que se publicasse essa revista no Instituto Oswaldo Cruz, ia tirar a clientela das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e que eu então, que ele não aceitava. Então dr. Coura, como esse argumento disse “José, eu não posso fazer isso porque o editor das *Memórias* não aceita isso”, então... não aceita, não aceita... então nós começamos a procurar quem queria patrocinar, aí a Universidade Gama Filho, resolveu patrocinar a edição da revista, e a revista hoje é editada pela Universidade Gama Filho e pelo Conselho Federal de Biologia.

AB - Está ótimo.

JJ - Então ela cresceu muito, melhorou a qualidade do papel...

AB - Ótimo.

JJ - Saíam dois artigos, três por número, agora saem dez, nove...

AB - E mesmo assim de dois em dois ou aumentou?

JJ - De dois em dois...

AB - De dois em dois.

JJ - Então um trabalho do cão, eu tenho que sair daqui ir lá na Gama Filho buscar uma prova da revista...

AB - Isso, está ótimo.

JJ - Então a revista está indo bem.

AB - É...

JJ - Já viu como é a cara da revista?

AB - Não, quero ver.

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

AB - Então a revista teve uma mudança na sua...

JJ - É.

AB - Forma e no seu conteúdo, no sentido de que aumentou o número de trabalhos, etc.

JJ - Aumentou o número de trabalhos, tiragem...

AB - Certo.

JJ - Agora nós tiramos mil exemplares de cada uma dela, tem que encontrar, para quem distribuir...

AB - Isso é fácil, a gente..., a rede é grande. E para fechar, não para fechar, mas a gente tem que fechar, tem uma hora a gente tem que fechar, chega uma hora que tem que dar um fechinho. Eu queria que a gente terminasse falando um pouco sobre a figura, a sua relação o senhor falou ao longo da entrevista inteira, mas sobre a figura do dr. Herman Lent, eu tive acesso à biografia que o senhor escreveu, a curta biografia que o senhor escreveu é...

JJ - Mas é que eu escrevo, eu escrevo sinteticamente, eu não sei escrever...

AB - Mas queria que o senhor falasse, mesmo que fosse sinteticamente...

JJ - Mas não vai dar tempo...

AB - Como é que o sr. fecharia para falar sobre o Herman...

JJ - Mas não vai dar tempo, não vai dar tempo hoje...

AB - Então começa e depois a gente termina.

JJ – É, então o começo eu já contei para vocês, como eu entrei, como eu o conheci ...

AB - Isso.

JJ – E durante 1960 a 1970, então, em realidade dez anos que eu trabalhei com o dr. Herman e trabalho os outros... trinta, longe dele, tal, telefone e ir à casa dele ou ele vir aqui. Então criou-se uma amizade grande de pai para filho, de mestre para aluno, todas essas interações, já que em toda vida ele nunca tinha tido nenhum estagiário, eu fui o único estagiário que ele teve...

AB - Que quase que o Hugo pegou...

JJ - É, me pegou...

AB - Mas ele mandou o Hugo para escanteio, sai Hugo, não pega mais ele não...

MR - (Risos)

JJ - Mas ele ainda não me conhecia...

AB - É.

JJ - Resolveu apostar e que mais, não sei como é que...

Fita 4 – Lado A

JJ - Depois de trabalhar uns seis, sete anos com ele, ele um dia achou que eu devia de crescer e sair de perto dele, aí disse assim para mim “José, mês que vem eu acho que você agora está começando a crescer, tal, eu acho que você”, ele não disse que eu devia de sair de perto dele... Ele disse assim: “Eu acho que você merece ter uma sala própria, seu laboratório, conduzir o seu trabalho, e aí vou dar uma sala para você trabalhar”, isso lá no Castelo, no segundo andar, e aí pegou uma daquelas salas imensas... dessas que ficam na quina do prédio, mandou preparar a sala toda para mim, comprou equipamento, tal. E eu fui lá me queixar com o dr. Hugo, o que eu tinha feito de errado para ele me tirar da sala dele, ele disse “Não, José, você está interpretando errado, ele não quer tirar você, ele que dar para você um *status*, isso, tal.” Pô, eu fiquei tão triste de ver, sair lá do convívio dele, mas fui para lá. Aí veio a briga, que eu fui lá trabalhar e ele resolveu botar uma estufa na minha sala para secar as lâminas que ele trabalhava, aquilo fazia um barulho ensurdecedor e eu só sei trabalhar em silêncio, quando não tem ninguém e tal, e eu fui lá reclamei com ele, dizer que aquele barulho estava me incomodando e que eu não conseguia me concentrar, ele disse: “Ah! aquilo é frescuragem sua, vai ficar trabalhando lá”, eu disse: “Oh, enquanto o senhor não desligar aquilo ou tirar aquilo de lá eu não trabalho”. E não trabalhei, não vim uma semana trabalhar, quer dizer, eu vinha de manhã eu dizia para o dr. Hugo, que era... aí o Hugo vendo que a situação estava ficando complicada me levou para o Museu Nacional, me apresentou o Feio, o José Lacerda de Araújo Feio, para mim aprender aranha, porque eu gostava de papa mosca, disse assim: “Bom, está dando

problema lá, vai para lá, fica lá com o Feio”, até que eu fui para e um dia o Hugo, disse: “O Herman resolveu tirar a estufa, acha que de fato está perturbando”, aí eu voltei para trabalhar...

AB - (Risos).

JJ - Mas gostava de aranha e fiquei lá fazendo um estágio no Museu Nacional.

AB - E a segunda?

JJ - Não, não teve segunda, foi só essa.

AB - Foi só essa, está certo.

JJ - Não a segunda, não chegou a ser briga, um dia eu disse a ele que eu... fizemos um trabalho grande e aí na hora de publicar eu disse: “Ah, eu queria ser o primeiro autor”, ele disse: “O quê? Ser primeiro autor do trabalho?...”

AB - (Risos).

JJ - A idéia é minha, eu disse: “Pô, mas eu fiquei aqui, fiz tudo isso aí”, e...

AB - Justificou para ele o porquê do seu pedido.

JJ – É, ele disse: “Não senhor, enquanto eu fizer trabalho com o senhor eu vou ser o primeiro autor” ...

MR - (Risos).

JJ - Então, era de duas, uma ou aceita e continua trabalhando...

AB - Ou rompe.

JJ - Ou rompe. Eu resolvi aceitar...

MR - (Risos).

JJ – E hoje em dia, porque eu queria que as pessoas dessem valor ao meu trabalho, hoje em dia eu vi que não era ser o primeiro nome ou o segundo ou o terceiro, que ao correr do tempo as pessoas, sabem o que cada um faz...

AB - Certo.

JJ - Dentro de um trabalho...

AB - Isso.

JJ - Porque o Herman nunca fez isso que eu faço e eu não faço aquilo que ele faz...

AB - Então ele sabe que aquele trabalho tem um limite...

JJ - Quem fez o que no trabalho, né...

AB - Isso.

JJ - Mas eu achava que ser o primeiro era a pessoa que...

MR - E o que comanda tudo, é...

JJ - Trabalhou...

AB - Mas há outras formas de reconhecimento que não a ordem.

JJ - Não, mas a minha vontade de aparecer, de crescer...

AB - Lógico, isso é normal...

JJ - Eu achava que ser o primeiro autor...

AB - Na carreira.

JJ - E não é, está escrito aí...

AB - Está, está tudo aqui...

JJ - Você quer que eu fale nele, leia esses quarenta...

AB - Não, já li tudo...

JJ - Nesse trabalho...

AB - Queria só que a gente fechasse e queria aproveitar, assim, não sei se você tem alguma questão para colocar hoje... mas, agradecer...

JJ - Eu é que tenho que agradecer...

AB - E perguntar se essas fitas podem ser consideradas...

JJ - Podem...

AB - Por nós como disponíveis para uso...

JJ - Disponíveis...

AB - A gente vai transcrevê-la...

JJ - Não, podem ser disponíveis...

AB - Trazê-las para o senhor e o senhor vai dar uma olhada, mas a gente está tendo o hábito agora de pedir a cessão de direito por escrito...

JJ - Não, não, eu assino...

AB - Falada, então, eu queria...

JJ - Está certo.

AB - Só...

JJ - E vou xerocar ou se você quiser tudo, você quer tudo é?

MR - Tudo.

AB - Ah! do dossiê a gente quer tudo. E aqui está aqui, vou ganhar...

JJ - É...

AB - Eu já escrevi aqui, o artigo sobre a lista de exemplares tipos.

JJ - Ah! isso eu vou pegar agora lá. Tem dois artigos desse.

AB - Vou ganhar!

JJ - Porque no ano retrasado nós compramos a coleção do Carcavallo?

AB - Isso.

JJ - Por cinco mil dólares, eu já falei, agora...

MR - Está publicado também.

JJ - Está publicado também.

AB - E só te agradecer, que foi...

JJ - Está.

AB - Um prazer.

JJ - Está bem.

AB - Aprendi muito.

JJ - Não, eu é quem foi bom que mexeu lá no fundo, tal, e sempre bom mexer.

MR - Muito bom José, muito bom mesmo. E a gente estava precisando dessa sua entrevista não é, Bela?

AB - Para esse nosso olhar sobre o conjunto.

MR - É.

AB - Sem dúvida.

JJ - Ainda mais para falar mal das pessoas é comigo.

MR - (Riso).

JJ - Mas eu só vou falar mal daquilo que tiver documentado.

AB - Isso.

JJ - Se não vai dizer, fez fofoca, tal...

AB - Não, está certo.

MR - Mas isso não é estar falando mal, você mostra que está lutando pelos seus direitos, eu acho que isso é que é importante...

JJ - Não, porque você calcula...

MR - Normalmente as pessoas ficam caladas...

JJ - Você calcula...

MR - Engolem as coisas e passa...

JJ - Quantas pessoas...

MR - É.

JJ - Falam mal e fazem fofoca...

MR - É.

JJ - Eu só vou falar o que eu escrevi, o que eu fiz um ofício, ...

MR - É.

JJ - Porque tem muita coisa para contar, mas aí fica na história da versão...

AB - No disse me disse.

MR - É... é.

JJ - Então não é versão não, está aqui...

MR - Você tem tudo documentado, é... não é uma...

JJ - Documentado.